

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ÉRICKA FERNANDA CAIXETA MOREIRA

**OS VERBOS TER E HAVER COM SENTIDO DE EXISTIR EM NOTÍCIAS DE
JORNAIS DA CIDADE DE UBERABA-MG**

Uberlândia

2016

ÉRICKA FERNANDA CAIXETA MOREIRA

**OS VERBOS TER E HAVER COM SENTIDO DE EXISTIR EM NOTÍCIAS DE
JORNAIS DA CIDADE DE UBERABA-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (MG), como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa 1: Teoria, descrição e análise linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha

Uberlândia-MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M838v Moreira, Éricka Fernanda Caixeta, 1990-
2016 Os verbos ter e haver com sentido de existir em notícias de jornais
da cidade de Uberaba - MG / Éricka Fernanda Caixeta Moreira. - 2016.
81 f. : il.

Orientadora: Maura Alves de Freitas Rocha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Sociolinguística - Teses. 3. Língua
portuguesa - Verbos - Teses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

ÉRICKA FERNANDA CAIXETA MOREIRA

**OS VERBOS TER E HAVER COM SENTIDO DE EXISTIR EM NOTÍCIAS DE
JORNAIS DA CIDADE DE UBERABA-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (MG), como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa 1: Teoria, descrição e análise linguística.

Uberlândia, 27 de julho de 2016.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maura Alves de Freitas Rocha, UFU/MG

Profa. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita, UFU/MG

Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa, UFTM/MG

Aos meus pais, Toninho e Carminha, que sempre incentivaram os meus estudos e acreditaram em meu potencial.

À minha irmã e afilhada, Waleska, que é alegria, luz e amor em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha vida, e também por todas as oportunidades que Ele me deu para chegar até aqui. À Nossa Senhora do Rosário, pela sua intercessão por mim junto a Deus para que esta missão se cumprisse.

Agradeço aos meus pais, Toninho e Carminha, que não mediram esforços, com tantas orações, noites sem dormir por tantas preocupações, falta de dinheiro por tantas contas a pagar e pelas despesas que eu gerava por morar fora de casa e pelas minhas viagens à Uberlândia; ao meu pai, por tantas vezes, mesmo estando com tantos problemas de saúde, ter se arriscado nessa BR365 e me levado, com tanta correria, para os encontros com a Maura; à minha irmã e afilhada, Waleska, que sempre torceu pelo meu sucesso e se orgulhou de mim.

Ao meu namorado, Paulo Sérgio e à toda sua família que sempre estiveram orgulhosos e na torcida por mim e me dando ânimo e coragem diante dos desafios. Ele, que muitas vezes, deixou os seus afazeres para também me levar à Uberlândia para os meus encontros com a minha orientadora; acabou sobrando até para o Preto! Muito obrigada, por tudo!

Às madrinhas, Floripes e Florinda, que com todo amor e gratidão, ficaram sempre em oração para que tudo desse certo!

A todos os meus tios e tias, primos e primas, à Ediane, ao avô Eli (que faleceu durante a minha caminhada) e à avó Fiica, pelas orações e pelas palavras de incentivo, em especial à tia Lourdinha, que com suas críticas construtivas, fortaleceu o meu crescimento pessoal e profissional. Tia, obrigada por ter investido em meus estudos e por sempre acreditar em mim.

Agradeço à Joissy, que várias vezes permitiu a minha estadia em seu apartamento para que eu pudesse concluir as disciplinas para o Mestrado. À Maria do Rosário e à Beatriz que também me “abrigaram” por um tempo, colaborando para o cumprimento desta missão.

A todos os professores e colegas pelos quais passei ao longo desses dois anos e meio, mas em especial à Larissa Peluco, pela qual tenho um amor enorme. Amiga, você está ao meu lado desde nossa graduação, agosto de 2009, e desde este período passamos por tribulações e vitórias juntas, sempre vou torcer pelo seu sucesso. Obrigada por tudo!

A todos os que já foram meus professores de Língua Portuguesa, pois de uma forma ou de outra, colaboraram para que meu amor pela Língua aumentasse cada vez mais.

Agradeço à minha psicóloga Ana Paula, que com seu carinho e seus conselhos, me acalmava nas horas mais difíceis. À Dra. Ana Júlia, que com seus conhecimentos medicinais, complementou os conhecimentos da Ana Paula para me ajudar.

À Maura, pela paciência, pelos “puxões de orelha”, e pelas orientações, tudo isso contribuiu para que esta dissertação se concluísse.

Sinto-me grata a todos, que de alguma forma, caminharam comigo e me apoiaram.

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus: tempo para nascer, e tempo para morrer; tempo para plantar, e tempo para arrancar o que foi plantado; tempo para matar, e tempo para sarar; tempo para demolir, e tempo para construir; tempo para chorar, e tempo para rir; tempo para gemer, e tempo para dançar; tempo para atirar pedra, e tempo para ajuntá-las; tempo para dar abraços, e tempo para apartar-se. Tempo para procurar, e tempo para perder; tempo para guardar, e tempo para jogar fora; tempo para rasgar, e tempo para costurar; tempo para calar, e tempo para falar; tempo para amar, e tempo para odiar; tempo para a guerra, e tempo para a paz.

(BÍBLIA SAGRADA, Eclesiastes 3:1-8)

RESUMO

Diversos pesquisadores, em diferentes épocas e *corpus*, das modalidades falada e escrita do Português, abordaram os empregos de “ter” e “haver” com sentido de “existir”, tais como, Callou e Avelar (2010), Almeida e Callou (2003), Avelar (2005), entre outros. Neste trabalho, seguindo a Teoria da Variação Linguística de Labov, a Sociolinguística Paramétrica e os postulados de Weinreich, Labov e Herzog, sobre a mudança linguística, o objetivo geral foi realizar um estudo descritivo e quantitativo do uso dos verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” em notícias extraídas de jornais, publicados na cidade de Uberaba, no início dos séculos XX e XXI. Buscamos observar nessas duas sincronias, a ocorrência de variação no emprego desses verbos e quais os fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram em seus usos. Além disso, apresentamos como os verbos “ter” e “haver” são abordados pela Gramática Tradicional, a partir de Said Ali (1957), Dias (1970), Bechara (2009), entre outros. O *corpus* foi constituído por 300 ocorrências, sendo que 150 foram do século XX e 150 do século XXI. Para a quantificação dos dados, submetemos as ocorrências ao programa GOLDVARB 2001. Após a análise dos dados, concluímos que, no século XX, obtivemos maior porcentagem de verbo “haver” do que de verbo “ter” (81,3% e 18,7%, respectivamente) e, no século XXI, houve maior frequência de verbo “haver” do que de verbo “ter” (56,7% e 43,3%, respectivamente), mas o que é relevante é o aumento da frequência do verbo “ter”. Dos grupos de fatores colocados em análise parciais e nos cruzamentos, as variáveis independentes, que se mostraram mais relevantes foram: objeto [-animado], tempo verbal “presente”, objeto pósposito e objeto concreto.

Palavras-chave: Sociolinguística Paramétrica; variação linguística; mudança linguística; português brasileiro; verbos ter e haver.

ABSTRACT

Several researchers at different times and *corpus* of spoken and written modalities of Portuguese, addressed the jobs of "ter" and "haver" with meaning to "exist", such as Callou and Avelar (2010), Almeida and Callou (2003), Avelar (2005), and others. In this work, following the Theory of Linguistics Variations by Labov, Sociolinguistics Parametric and postulates by Weinreich, Labov and Herzog of linguistic change, the overall objective was to perform a descriptive and quantitative study about the use of the verb "ter" and "haver" with the meaning of "exist" in news from the newspapers of Uberaba at the beginning of the XX and XXI centuries. We seek to observe in these two synchronicities the occurrence of variation in the use of these verbs and what linguistic and extralinguistic factors influenced in their uses. In addition, we present how the verbs "ter" and "haver" are covered in the Traditional Grammar, by Said Ali (1957), Dias (1970), Bechara (2009), and others. The *corpus* consisted of 300 events, wherein 150 were at the XX century and 150 at the XXI century. For quantification of the data, we submitted the occurrences to the GOLDVARB 2001 program. After analysis of data, we concluded that, in the twentieth century, we have obtained higher percentage of the verb "haver" rather than the verb "ter" (81,3% and 18,7%, respectively) and in the XXI century, there was higher frequency of the verb "haver" rather than the verb "ter" (56,7% and 43,3%, respectively), but what is important is the increased frequency of the verb "ter". The groups of factors placed on partial analysis and at intersections, the independent variables that did most relevant were: object [-animado], "present tense", postponed object and concrete object.

Keywords: Sociolinguistics Parametric; linguistic variation; linguistic change; Brazilian Portuguese; verbs ter and haver.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Correlação de línguas.....	24
Tabela 2: Frequência dos verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” em editoriais dos séculos XX e XXI no Português Europeu.....	37
Tabela 3: Frequência dos verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” em editoriais dos séculos XX e XXI no Português Brasileiro.....	37
Tabela 4: Frequência dos verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” em anúncios dos séculos XX e XXI no Português Brasileiro.....	37
Tabela 5: A atuação de “ter” e “haver” com sentido de “existir” nos textos formais escritos no século XIX.....	41
Tabela 6: Ocorrências de “ter” e “haver” em textos formais e seus respectivos tempos verbais.....	43
Tabela 7: Traço semântico do objeto direto.....	43
Tabela 8: Número total de ocorrências de “ter” e “haver” com sentido de “existir” na língua falada e na língua escrita.....	44
Tabela 9: Realizações de “ter” e “haver” na variável tempo verbal.....	48
Tabela 10: Total de realizações das variáveis dependentes com relação às variáveis independentes. (Leitura horizontal).....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Correlação de “ter” <i>versus</i> “tempo verbal” nas décadas de 70 e 90.....	34
Gráfico 2: Frequência de “ter” e “haver” pela especificidade semântica do argumento interno, juntando as duas décadas.....	35
Gráfico 3: Percentual de “ter” e “haver” com sentido de “existir” em oito séculos de história do português, considerando-se documentos escritos exclusivamente no Brasil a partir do século XVII.....	40
Figura 1: Localização de Uberaba em Minas Gerais.....	50
Gráfico 4: Os verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	58
Gráfico 5: Os objetos [+animado] e [-animado] no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	59
Gráfico 6: Os tempos verbais “passado”, “presente” e “futuro” no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	60
Gráfico 7: O objeto anteposto e posposto no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	62
Gráfico 8: Os objetos concretos e abstratos no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	63
Gráfico 9: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a animacidade do objeto. (Leitura vertical).....	65
Gráfico 10: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e os tempos verbais “passado”, “presente” e “futuro”, no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	67
Gráfico 11: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a posição do objeto no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	69
Gráfico 12: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a natureza do objeto, no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical).....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1.Fundamentação teórica	18
1.1 – A Sociolinguística laboviana.....	18
1.2 – A Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989).....	20
1.3 – A mudança linguística.....	27
1.4 – “Ter” e “haver” na visão de Gramáticos.....	30
1.5 – “Ter” e “haver” na visão variacionista.....	33
1.5.1 – Callou e Avelar (2000).....	33
1.5.2 – Almeida e Callou (2003).....	35
1.5.3 – Avelar (2005).....	38
1.5.4 – Oliveira (2010).....	40
1.5.5 – Costa <i>et. al.</i> (2011).....	41
1.5.6 – Oliveira (2014).....	44
1.5.7 – Vitório (2007, 2010 e 2013).....	45
1.5.7.1 – Vitório (2007).....	45
1.5.7.2 – Vitório (2010).....	45
1.5.7.3 – Vitório (2013).....	47
2.Metodologia	49
2.1 – Os <i>corpora</i> da pesquisa.....	49
2.2 – Hipóteses.....	50
2.3 – Objetivos.....	51
2.4 – O envelope de variação.....	52
3.Análise e discussão dos dados	55
3.1 – Resultado geral.....	55
3.1.1 – Variáveis dependentes: séculos XX e XXI.....	55
3.1.2 – Variáveis independentes.....	57
3.1.2.1 – Os verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir”.....	57
3.1.2.2 – Animacidade do objeto: [+animado] e [-animado].....	59

3.1.2.3 – Tempos verbais: “passado”, “presente” e “futuro”.....	60
3.1.2.4 – Posição do objeto: anteposto ou posposto.....	62
3.1.2.5 – Natureza do objeto: concreto ou abstrato.....	63
3.2 – Cruzamento dos dados.....	63
3.2.1 – Verbos “ter” e “haver” <i>versus</i> animacidade do objeto.....	64
3.2.2 – Verbos “ter” e “haver” <i>versus</i> tempos verbais.....	66
3.2.3 – Verbos “ter” e “haver” <i>versus</i> posição do objeto.....	68
3.2.4 – Verbos “ter” e “haver” <i>versus</i> natureza do objeto.....	70
4.Considerações finais.....	72
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE.....	78

INTRODUÇÃO

A língua, como qualquer outra realidade humana ou da natureza em geral, está em contínua variação e mudança. Qualquer língua é, então, o resultado de um longo e contínuo processo histórico. Ao mesmo tempo em que a mudança é contínua, ela é também lenta e gradual, pois há períodos de variação, ou seja, de coexistência de duas formas (a inovadora e a conservadora) e concorrência até ocorrer a vitória de uma sobre a outra, ou seja, a mudança.

Nesta perspectiva, esta dissertação teve como objetivo geral realizar um estudo descritivo e quantitativo do uso dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, em notícias extraídas dos jornais **Lavoura e Comércio** (LC), nos meses de janeiro de 1906 a junho de 1907, e **Jornal da Manhã** (JM), nos meses de janeiro de 2006 a junho de 2006, publicados na cidade de Uberaba. Coletamos 150 dados de cada jornal, totalizando 300 dados que foram analisados. Utilizamos o programa computacional estatístico, GOLDVARB 2001, por meio do qual obtivemos os resultados numéricos que foram analisados segundo a teoria que embasou este trabalho.

A motivação para a seleção dos *corpora* desta pesquisa foi desde a graduação, pois, em especial pela escolha do LC, que se encontra no Arquivo Público da cidade de Uberaba/MG e é digitalizado por participantes do grupo de pesquisa GEVAR¹, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. O JM, além de ainda circular pela cidade, encontra-se disponível *on-line*.

Para isso, o arcabouço teórico utilizado foi o da Sociolinguística Laboviana e o da Sociolinguística Paramétrica. Seguimos ainda, os postulados de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), doravante WLH, sobre a mudança linguística. Apresentamos também, as abordagens dos verbos “ter” e “haver”, pela Gramática Tradicional, a partir de Said Ali (1957), Dias (1970), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), Perini (2010) e Castilho (2010). Além disso, selecionamos alguns estudos recentes que envolvem o tema do nosso trabalho, tais como, Callou e Avelar (2010), Almeida e Callou (2003), Avelar (2005), Oliveira (2010), Costa *et. al.* (2011), Oliveira (2014), e Vítório (2007, 2010 e 2013).

¹ O GEVAR - Grupo de Estudos Variacionistas – possui um projeto de recuperação de documentos antigos da cidade de Uberaba e região, com financiamento do CNPq. O grupo possui reuniões semanais e é coordenado pela professora Dra. Juliana Bertucci Barbosa.

Para desenvolver este trabalho, partimos das seguintes hipóteses: de que o verbo “haver” era mais utilizado com o sentido de “existir” em notícias no início do século XX. Já o verbo “ter”, com sentido de “existir”, era mais usado em notícias no início do século XXI, dos jornais da cidade de Uberaba; o traço [-animado] favoreceria o uso do verbo “haver” com sentido de “existir”, já o traço [+animado] favoreceria o uso do verbo “ter” com sentido de “existir”; os tempos verbais pretérito e futuro favoreceriam o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, e o tempo presente favoreceria o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”; o verbo “haver” era mais utilizado com o objeto posposto a ele, em contrapartida, o verbo “ter” era mais frequente com o objeto anteposto a ele; os objetos concretos favoreceriam o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir” e os objetos abstratos favoreceriam o uso de “ter”, com sentido de “existir”.

A motivação para essas hipóteses foi após as várias leituras e pesquisas que foram feitas sobre os verbos “ter” e “haver”, e selecionamos aquilo que seria de maior utilidade para a nossa pesquisa.

Os objetivos específicos desta dissertação foram investigar: se o verbo “haver” era mais utilizado com o sentido de “existir” em notícias no início do século XX, e se o verbo “ter”, com sentido de “existir”, era mais usado em notícias no início do século XXI, dos jornais da cidade de Uberaba; se o traço [-animado] do objeto favoreceria o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, e se o traço [+animado] favoreceria o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”; se os tempos verbais pretérito e futuro favoreceriam o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir” e se o tempo presente favoreceria o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”; se o verbo “haver” seria mais utilizado com o objeto posposto a ele, e se o verbo “ter” seria mais frequente com o objeto anteposto a ele; se objetos concretos favoreceriam o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, e se os objetos abstratos favoreceriam o uso de “ter”, com sentido de “existir”.

As problemáticas de pesquisa que nortearam este trabalho foram: supondo que houvesse variação, com que frequência os verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, co-ocorreram nos *corpora* analisados? Quais foram os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram o uso de uma ou outra forma verbal?

Esta dissertação apresentou a seguinte estrutura: na primeira seção, apresentamos a fundamentação teórica que norteou o trabalho, juntamente com as gramáticas que apresentam discussões sobre os verbos em questão e os estudos recentes sobre o mesmo tema da nossa pesquisa; na segunda seção, apresentamos a metodologia utilizada para a produção do nosso trabalho; na terceira seção, apresentamos a análise e discussão dos dados; por último, apresentamos as considerações finais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, foi apresentado o quadro teórico que orientou este trabalho, a saber: a Sociolinguística Laboviana, em seguida, a Sociolinguística Paramétrica e, por último, a proposta de WLH (2006 [1968]).

Além disso, foi resenhada a forma como Gramáticas do PB (Português Brasileiro) tratam os verbos “ter” e “haver”, a partir de Said Ali (1957), Dias (1970), Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), Perini (2010) e Castilho (2010).

Em seguida, apresentamos estudos recentes que envolvem o tema do nosso trabalho: Callou e Avelar (2000), Almeida e Callou (2003), Avelar (2005), Oliveira (2010), Costa *et.al.* (2011), Oliveira (2014), e Vitória (2007, 2010 e 2013).

1.1 – A Sociolinguística laboviana

A Sociolinguística Laboviana tem como objetivo o estudo da língua quando usada em um contexto real, em situações de comunicação, desde pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Para que entendamos a relação da Sociolinguística com a Linguística, Labov traz um percurso histórico de abordagens teórico-metodológicas do uso social da língua.

Segundo Tarallo (1990),

O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. (TARALLO, 1990, p.7)

A Teoria da Variação, de Labov (2008 [1972]), tem como pressupostos teóricos, o princípio da heterogeneidade da língua e das possíveis variações, pois, segundo o linguista, toda língua natural apresenta formas que vão se modificando entre si, ou seja, essa abordagem de Labov procura descrever o fenômeno de variação na língua, porque “a língua é uma forma de comportamento social [...] ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008 [1972], p.215). Para isso, de acordo com o estudioso, o pesquisador deve identificar fatores linguísticos e sociais que vão condicionar ou favorecer a ocorrência de uma ou de outra variante na

língua, partindo de hipóteses que surgirão a partir das pesquisas e estudos feitos pelo investigador.

Em Sociolinguística Laboviana, leva-se em consideração a variável sociolinguística, isto é, a análise será feita a partir de algum fenômeno de variação na língua. O linguista discute a língua como fato social, dado que, para Labov, vários linguistas abordam a língua como produto social, mas nem todos enfatizam esse aspecto e os fatores que o envolvem, especialmente na questão da mudança. Segundo o estudioso, “a teoria linguística não pode ignorar o comportamento social dos falantes de uma língua” (LABOV, 2008 [1972], p.298).

Labov (2008 [1972]) mostra que, para sistematizar as variações existentes na língua, é importante seguir alguns passos. O primeiro deles é levantar os dados, tanto da língua falada quanto da língua escrita. De acordo com o linguista, os dados da língua falada expressam mais claramente o vernáculo da comunidade, ou seja, a língua sem monitoramentos. Em seguida, deve-se detalhar a variável, fazendo também um levantamento das variantes que a favorecem. Depois, faz-se a análise dos fatores que são condicionadores, tanto linguísticos quanto não linguísticos, que favorecerão o uso de uma ou de outra variante. Por fim, verifica-se a variável, durante um período de tempo, na comunidade dentro de seu sistema linguístico.

Por se tratarem de pesquisas feitas, a partir de dados que são coletados e que apresentam resultados por meio de números e dados estatísticos, o modelo proposto por Labov é chamado de “sociolinguística quantitativa” (TARALLO, 1990, p.8)

Assim, a Sociolinguística Laboviana preocupa-se com o estudo de fenômenos linguísticos em comunidades de fala, em que a língua sofre influência dos contextos sociais e, por meio dos resultados obtidos, que são mostrados quantitativamente, observam-se as variações que podem chegar às mudanças.

A respeito da Sociolinguística Laboviana, Mattos (2003, p.16) considera que

A ambição teórica da Sociolinguística como ciência é construir um modelo de análise que, contendo elementos especularmente relacionados aos elementos da estrutura linguística, possa demonstrar as possibilidades de relacionamento entre esses elementos estruturais a partir da correlação com os fatos empíricos. O objetivo maior é construir um conjunto mínimo de princípios gerais que configurem uma teoria da variação/mudança linguística.

Mas, por mais que a Sociolinguística trabalhe com dados empíricos e utilize o modelo quantitativo e estatístico, os resultados, por si só, não oferecem um resultado final ao sociolinguista. É necessário que o pesquisador analise os resultados, já que ele deve fazer uma interpretação dos dados e tirar as suas conclusões a respeito dos fatores linguísticos.

De acordo com o estudioso, a mudança linguística é resultado de um processo de variação, conforme atestam Lucchesi e Araújo,

os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso. (s.d.)

Para Labov (2008 [1972]), as mudanças linguísticas surgem de variações e, por meios quantitativos, podem-se estabelecer as correlações que existem entre os fatores linguísticos e socioculturais. Ele considera que a mudança linguística está ao alcance de qualquer falante, pois, para a ocorrência desse fenômeno, é necessário considerar as experiências correntes na linguagem, considerando-se, então, a dinamicidade da língua.

Portanto, na perspectiva da Sociolinguística Laboviana, uma mudança linguística não se dá apenas por fatores linguísticos, mas também por fatores extralinguísticos. Labov aponta alguns fatores que podem favorecer a variação e a mudança na língua, como: classe socioeconômica, etnia, regionalização e gênero/sexo. Assim, “não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística” (LABOV, 2008 [1972], p.291).

A seguir, discorreremos sobre a Sociolinguística Paramétrica de Tarallo e Kato (1989).

1.2– A Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989)

A Sociolinguística Paramétrica caracteriza-se como uma proposta de compatibilidade entre a Linguística Gerativa, que procura resgatar a variação interlinguística tendo por base as propriedades e princípios paramétricos, e a Teoria da

Varição de Labov, que é a linguística de probabilidades, que trata da variação na língua.

Tarallo e Kato (1989) fizeram uma crítica aos linguistas de gabinete, que são aqueles que não vão investigar os fatos, apenas observam os dados e resolvem os problemas com teorias e terminologias, o que os autores chamam de “a linguística de regras e formalismos” (TARALLO; KATO, 1989, p.2). Essa linguística opõe-se às ideias de Labov que defende “o linguista das ruas, das comunidades, do ar puro, e do dado vivo e mutante” (TARALLO; KATO, 1989, p.2).

Assim, Tarallo e Kato (1989, p.5) propõem

um novo caminho: aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades paramétricas do modelo variacionista, seja para provar o seu espelhamento e reflexo; seja para realinhar um modelo em função do outro.

Nesse sentido, a proposta dos autores baseia-se no alcance de resultados e na exploração de análises via probabilidades e/ou propriedades. Eles acreditam, portanto, “num direcionamento mútuo entre a variação intra- e inter-linguística, enfim: na harmonia trans-sistêmica” (TARALLO; KATO, 1989, p.5-6).

Para exemplificar o poder explanatório contido em análises projetadas pela linguística de probabilidades, os estudiosos apresentam o trabalho de Labov (1981), que faz uma recuperação dos valores da escola neogramática, com a análise de probabilidades e de fatores condicionadores da mudança fonológica, fazendo projeções de resultados próprios de um modelo paramétrico. Ao exporem esse trabalho, Tarallo e Kato (1989, p.6) explicam que,

com base nas mudanças fonológicas ocorridas e/ou em progresso em vários dialetos do inglês, Labov contrapõe o alcance do modelo neogramático àquele pretendido pela escola lexical-difusionista implantada na década de 60 desse século. Obviamente, o resgate do poder explanatório de um e de outro modelo, neogramático vs. lexical-difusionista, é feito via teoria da variação, portanto, via uma linguística de probabilidades.

Eles mostram que o poder de explanação do modelo lexical-difusionista não impede uma análise feita pela linguística de probabilidades. A polarização (sim/não) das ocorrências faz surgir algumas perguntas ao pesquisador: em que circunstâncias a mudança fonológica se manifesta e em que casos específicos?

Fazendo surgir, então, um resultado influenciado por fatores condicionadores, ou seja, a difusão lexical será maior em certos contextos do que em outros.

A possibilidade que as línguas possuem de convergir em alguns aspectos gramaticais é um ponto básico que sustenta os argumentos favoráveis à Sociolinguística Paramétrica nos estudos linguísticos. Essa convergência, os gerativistas denominam de propriedades paramétricas.

Segundo Tarallo e Kato (1989), tal convergência é encontrada no trabalho de Sankoff e Tarallo (1987), cujos autores mostram que, em duas línguas muito distantes como o Tok Pisin e o Português Brasileiro, existe uma similaridade de processos quanto à cópia pronominal em orações relativas e não relativas. Além disso, as pesquisas de Dubuisson (1981), a respeito do Francês canadense, de Corvalán (1982), sobre a fala do Espanhol mexicano em West de Los Angeles, e de Lira (1982, 1986), sobre o Português carioca revelam, de acordo com Tarallo e Kato (1989), que há existência de fatores que condicionam a inversão do sujeito nessas línguas, originadas do latim e irmãs, que atuam na mesma direção.

A Sociolinguística Paramétrica possibilita também a compatibilização de resultados da linguística de probabilidades, com as previsões da linguística de propriedades paramétricas e de princípios, o realinhamento de uma propriedade de um componente gramatical, do parâmetro sintático, a partir dos resultados com probabilidades sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da mesma gramática. Assim, Tarallo e Kato (1989) consideram que

A tendência do Português do Brasil de perder as propriedades do parâmetro do sujeito nulo se manifesta no uso cada vez mais frequente de formas substantivas, seja SNs plenos, seja pronomes pessoais, como formas indeterminadoras da linguagem substitutivas do clítico 'se'. (KATO; TARALLO, 1986 apud TARALLO; KATO, 1989, p.9)

Esses autores investigam a variação da ordem sujeito/verbo em uma perspectiva da variação inter- e intra-linguística, apresentando a proposta de Comrie (1981), que define parâmetro da seguinte forma:

Um parâmetro é uma propriedade que varia nas línguas naturais de forma significativa. Diz-se que uma propriedade varia de forma significativa quando ela se correlaciona com outras propriedades. Assim, a ordem SOV/VSO pode ser ou não um parâmetro significativo. No momento em que conseguimos correlacionar SOV com posposições e VSO com preposições de tal modo que podemos montar relações implicacionais do tipo: se VSO,

então preposições e se SOV, então posposições, poderemos dizer que a ordem dos constituintes maiores não é uma propriedade tipológica arbitrária, mas sim que constitui um parâmetro. (COMRIE, 1981 apud TARALLO; KATO, 1989, p.13)

Tarallo e Kato (1989) mostram que esse conceito de parâmetro é encontrado na teoria chomskiana que, em 1981, com a proposição do Parâmetro do Sujeito Nulo (*Pro-drop*),

foi o primeiro passo no sentido de buscar explicar diferenças entre línguas no tocante à possibilidade de apresentarem ou não um sujeito nulo. O ponto crucial a distinguir as línguas nesse particular seria o elemento de concordância – AGR – a um só tempo capaz de licenciar e permitir a recuperação do sujeito nulo em línguas com um sistema flexional rico, como o italiano, por exemplo. (DUARTE, 1993, p.107)

Destaca-se ainda que uma das possibilidades de a língua se caracterizar como língua de sujeito nulo está na possibilidade de inversão livre do sujeito. Tarallo e Kato (1989) afirmam que o Catalão, o Italiano e o Espanhol são línguas que comprovam a veracidade desse parâmetro, tal como os estudos de Rizzi (1982) sobre o Italiano, por meio dos estudos de Torrego (1984) sobre o Espanhol, e os estudos de Picallo (1984) sobre o Catalão, como se pode observar nos exemplos² a seguir:

Exemplos de Rizzi (1982), para o Italiano:

- (1) Ha telefonato Gianni.
- (2) Ho trovato il libro.

Exemplos de Torrego (1984), para o Espanhol:

- (3) Contesto la pregunta Juan.
- (4) No hablo portugués.

Exemplos de Picallo (1984), para o Catalão:

- (5) Ha menjat en Joan.

² Exemplos (1 a 6) extraídos de Tarallo e Kato (1989), p.13-14.

(6) Ha menjat.

Entretanto, por meio dos estudos já realizados, primeiramente, poder-se-ia afirmar que sujeito nulo e inversão livre do sujeito parecem constituir parâmetros distintos. Mas, o Português, uma língua de sujeito nulo, não pode ter inversão livre de sujeito, já dialetos italianos, como o trentino, admitem a inversão livre do sujeito mesmo sem a realização do sujeito nulo, como mostrado na tabela a seguir:

Tabela 1: Correlação de línguas

LÍNGUA	SUJEITO NULO	VS LIVRE
Italiano e Espanhol	+	+
Português	+	-
Trentino	-	+
Francês	-	-

Fonte: Tarallo e Kato (1989), p.15.

Assim, Tarallo e Kato (1989) concluem que o Português, o Italiano e o Espanhol surgem como uma classe com possibilidades de sujeito nulo e o Italiano, o Trentino e o Francês, como uma outra classe. Agrupando-se em relação à inversão livre do sujeito aparecem o Italiano, o Espanhol e o Trentino. Já o Português se alinha ao Francês e até mesmo ao Inglês, se esse fosse acrescentado à tabela.

Esses autores constataam ainda que a ordem VS não é um fenômeno homogêneo, sua ocorrência ou incidência no Português deve ser analisada, levando-se em consideração a sua heterogeneidade.

Além disso, esses linguistas mostram que a Sociolinguística Paramétrica possibilita um estudo empírico mais interessante do Português, pois, além de apresentar subsídios para uma análise trans-sistêmica, partindo do fenômeno VS que ocorre em cada língua em estudo, também fornece dados que dizem respeito ao grau de produtividade do fenômeno em cada uma delas.

Tarallo e Kato (1989, p.20) apresentam outro fenômeno que é o das construções apresentativas, que

são elas construções que ocorrem com verbos existenciais e de aparecimento, nas quais o sujeito ou é vazio (português, espanhol, italiano), ou é um expletivo semanticamente vazio (francês, trentino, bielês), havendo

correspondente a essas, formas com o sujeito lexicalmente preenchido com os mesmos elementos que aparecem na posição pós-verbal.

Essas construções ocorrem com verbos existenciais e de aparecimento, nas quais ou o sujeito é vazio (Português, Espanhol, Italiano), ou é um expletivo semanticamente vazio (Francês, Trantino, Bielês), existindo, correspondentes a essas, construções com o sujeito lexicalmente preenchido, como mostram os exemplos³ a seguir, incluindo o exemplo da língua inglesa, que segundo os autores, também possui construções apresentativas:

(7) a- Chegaram os ovos/chegou os ovos. a'- Os ovos chegaram.

(8) a- Llegaron los huevos.

a'- Los huevos llegaron.

b- Sonno arrivati molti ragazzi.

b'- Molti ragazzi sonno arrivati.

c- Il est arrivées trois filles.

c'- Trois filles sont arrivées.

d- Al a ny l Dz'uan (bielês)

d'- Al Dz'uan al a ny.

Ele tem vindo o João

(9) a- There appeared some ants in
the kitchen.

a'- Some ants appeared in the
kitchen.

Tarallo e Kato (1989) utilizam os estudos de Eliseu (1984) e Saltarelli (1981) para mostrar que uma característica desse tipo de construção, é que ela é restrita aos verbos ergativos pela possibilidade que o seu argumento único apresenta de ocupar tanto a posição de objeto, quanto a de sujeito, por ser um objeto que não aceita caso acusativo. Segundo aqueles linguistas, a análise feita por Eliseu mostra que, no Português, esses verbos podem ser não só de existência e de apresentação, mas também aspectuais, incoativos e pronominais passivos.

De acordo com Tarallo e Kato (1989), a linguística de propriedades paramétricas age no sentido do “tudo” ou “nada” (*knockout*, que está relacionado a um determinado grupo de fatores em que não há variação) e a de probabilidades, em direção do “mais” ou “menos” da variação (que permite o realinhamento de

³ Exemplos (7, 8 e 9) extraídos de Tarallo e Kato (1989), p.17.

propriedades paramétricas, ou até a explicação do porquê de uma mesma língua estar marcada em um parâmetro e não em outro).

Assim, segundo os autores,

as abordagens trans-linguísticas caracterizam-se por abordar a variação do ponto de vista da existência ou não de uma determinada propriedade, mas não diferenciam línguas que, embora sendo positivamente marcadas em relação a uma determinada característica, apresentam diferenças quanto ao caráter obrigatório ou livre de uma regra ou em relação à incidência quantitativa de um fenômeno. As análises variacionistas intra-linguísticas, por outro lado, têm enfatizado justamente os aspectos quantitativos e o caráter categórico ou não de uma regra. (TARALLO; KATO, 1989, p.30)

Além disso, de acordo com esses estudiosos,

a variação inter-linguística no realinhamento dos parâmetros sintáticos que pressupõe e prevê, conseguiria informações cruciais em sua busca de refinamento de análise. A variação intra-linguística, por outro lado, deixaria de se perder em meandros de possíveis fatores condicionadores, evitando, via projeções de variação inter-linguística, levar a estatística às últimas consequências quando a organização do dado, em si só, já anteciparia a irrelevância dos fatores considerados. (TARALLO; KATO, 1989, p.36)

Em relação à Sociolinguística Paramétrica, Duarte (2015), chama de “casamento” a relação tão próxima entre as duas teorias, Teoria da Variação e Mudança e a Teoria de Princípios e Parâmetros, que juntas, favorecem as análises variacionistas de fenômenos da sintaxe da língua, e, assim, verificar processos de mudança linguística em curso. Duas teorias, que antes se viam distintas, hoje podem se ver caminhando juntas.

Segundo a autora, quem quer produzir uma pesquisa relacionada à teoria variacionista, não pode fugir às cinco questões que são propostas por WLH (as restrições; a implementação; a transição; o encaixamento e a avaliação). Diante disso, Duarte (2015) afirma que Tarallo, em 1987, produziu um trabalho que relacionou essas duas teorias com a chomskiana, com o objetivo de “demonstrar a compatibilidade entre as análises propostas pelo paradigma laboviano e pelo quadro chomskiano” (DUARTE, 2015, p.89), esclarecendo ainda, que “não se trata de romper fronteiras e confundir domínios no sentido de “parametrizar” ou de eliminar diferenças, mas, sobretudo, de enfatizar que eles permitem compatibilizar resultados” (DUARTE, 2015, p.89, p.89).

Algumas análises sobre pronome foram realizadas por Duarte (2015) para demonstrar os avanços da associação entre as teorias. A primeira comprovação da autora foi de o sistema linguístico ser marcado pelo Parâmetro do Sujeito Nulo em três diferentes sincronias. Isso faz com que a autora afirme que, entre 1930 e 1955, ocorreu o momento de “transição” com relação ao pronome de tratamento “você”. No ano de 1970, passou-se para o processo de “implementação” do pronome “a gente” e a porcentagem de sujeito nulo foi decrescendo. Um aspecto que se tornou relevante para as análises da autora foram os traços semânticos. Somente após a segunda metade do século XX é que houve a implementação dos pronomes “você” e “a gente” na fala do PB.

De acordo com a autora,

À luz do quadro atual de Princípios e Parâmetros, que se esforça por acomodar a grande variação observada em diferentes línguas em “hierarquias de parâmetros” (cf. Biberauer et al. 2010 e Roberts, 2012), poderíamos dizer que o PB se ajusta a um parâmetro positivamente marcado em relação aos sujeitos expletivos nulos e negativamente marcado em relação aos sujeitos referenciais nulos. (DUARTE, 2015, p.104)

Portanto, podemos ressaltar, segundo Duarte (2015), que

a proposta de Tarallo e Kato nunca reduziu a Teoria da Variação a uma simples metodologia; antes, a associação com a Teoria de Princípios e Parâmetros tem permitido responder a todas as questões formuladas pelo modelo de estudo da mudança da teoria da variação, porque oferece ao pesquisador uma descrição da sintaxe das línguas tão sofisticada a ponto de permitir relacionar fenômenos superficiais aparentemente desvinculados. Por outro lado, os resultados dos estudos desenvolvidos à luz de tal associação têm contribuído para as revisões por que tem passado a Teoria de Princípios e Parâmetros: os dados do PB têm permitido atestar importantes efeitos das mudanças sintáticas em curso, o que dá à pesquisa variacionista associada à sintaxe gerativa no Brasil um lugar de destaque no âmbito dos estudos de mudança linguística. (DUARTE, 2015, p.106)

A seguir, discorreremos sobre a mudança linguística, na perspectiva de WLH (2006 [1968]).

1.3 – A mudança linguística

Em WLH (2006 [1968]), são apresentadas questões relacionadas à variação linguística, à heterogeneidade da língua e, principalmente, à mudança linguística. Para os autores, a língua não é uma realidade estática e o processo da mudança é

“lento e gradual” (p.87). Além disso, os autores consideram que nem toda variação levará a uma mudança, mas toda mudança é fruto de uma variação. Segundo os linguistas, o processo da mudança é resultado da heterogeneidade linguística, na medida em que há um confronto entre as variantes dentro do universo do grupo dos falantes de uma língua. De acordo com os autores, “estas formas coexistentes podem ser conhecidas como ‘estilos’, mas também como ‘padrões’, ‘gírias’, ‘jargões’, ‘jeito antigo de falar’ (‘old talk’), ‘níveis culturais’ ou ‘variedades funcionais’” (WLH, 2006 [1968], p.96-97).

Assim, a alternância de estilos na produção de enunciados em um sistema linguístico possui as seguintes propriedades, segundo WLH (2006 [1968], p.97):

(1) Oferecem meios alternativos de dizer "a mesma coisa": ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A*. (2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu *status* social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante.

Essa afirmação confirma o que os linguistas chamam de “tendências dinâmicas” (WLH, 2006 [1968], p.24) das línguas naturais, estando relacionadas com os fatores sociais. Para os autores, as produções linguísticas estão refletidas na distribuição social e estilística das variantes que derivam os padrões regulares. Portanto, falas formais estão associadas a variantes de maior prestígio e as informais às variantes de menor prestígio.

WLH (2006 [1968]) apresentam cinco questões teóricas centrais no estudo da mudança linguística. A primeira refere-se ao condicionamento, em que determinados fatores preveem mudanças em certa direção, sendo possível saber se uma mudança é possível e se é de ordem universal, fazendo-se necessário um estudo minucioso das mudanças em progresso. Para o entendimento da mudança, é necessário o esclarecimento de seus fatores condicionantes, que podem ser estruturais e sociais, e conforme os autores, “uma hipótese possível para a expansão de uma variante inovadora seria atribuí-la à sua transmissão via aquisição da linguagem no ambiente familiar.” (WLH, 2006 [1968], p.144).

A segunda refere-se à transição. Para WLH (2006 [1968]), a teoria da mudança linguística está relacionada às questões da transição possível na língua, por meio dela algumas variações surgem, das quais vêm as mudanças. Essas questões têm como objetivo verificar como uma língua passa de um estágio para outro, pois, segundo os autores, “entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B” (WLH, 2006 [1968], p.122). Nessa questão, também entram as características da comunidade de fala. Consoante os linguistas, a mudança se dá conforme um falante toma conhecimento de uma forma alternativa que existe dentro do seu sistema linguístico e, conseqüentemente, uma das formas se torna antiquada.

A terceira refere-se ao encaixamento, em que se verifica como a mudança se encaixa no sistema linguístico e na comunidade de fala, e como uma mudança desencadeia outra.

Para isso, são apresentadas pelos autores duas formas de encaixamento. A primeira forma é na estrutura linguística, que WLH (2006 [1968]) apontam “que um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para outro” (WLH, 2006 [1968], p.123), essas variações podem levar às mudanças linguísticas, mas, de acordo com os autores, raramente há um movimento de um sistema linguístico inteiro para outro, geralmente, ela surge de variantes individuais e passa para a fala estendida. A outra forma de encaixamento é na estrutura social, em que os autores afirmam que os fatores sociais possuem maior importância sobre todo o sistema linguístico, mas “no desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social” (WLH, 2006 [1968], p.123).

A quarta está relacionada com o problema da avaliação, como é o julgamento dos falantes sobre a mudança, ou seja, a avaliação social, implicando o nível de atenção do falante em relação à fala, pois “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente”. (WLH, 2006 [1968], p. 124). Sobre essa questão, os autores expõem o exemplo do sujeito pronominal que “parece estar imune a um julgamento por parte dos falantes, vista a pouca saliência da presença de um pronome onde poderia ocorrer uma categoria vazia.” (WLH, 2006 [1968], p.145)

E, por último, a questão da implementação que investiga como a mudança é difundida na comunidade e quais fatores propiciam que a mudança ocorra em uma língua, em uma determinada época, ou em outra, pois a propagação de uma mudança acontece em determinados ambientes e é difundida a partir de ambientes mais favoráveis. Segundo WLH, a questão da implementação constitui “o verdadeiro cerne de uma teoria da mudança.” (WLH, 2006 [1968], p.143). Assim, “o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua” (WLH, 2006 [1968], p. 124).

Partindo dessas questões, os autores afirmam que a mudança se inicia quando muitos traços que caracterizam a variação na língua se difundem por meio de grupos das comunidades de fala. A mudança linguística, então, se encaixa na estrutura da língua, sendo gradualmente generalizada a outros elementos do sistema linguístico. Para WLH (2006 [1968]), as mudanças na língua surgem lentamente. Os fatores sociais são de fundamental importância para esse processo.

De acordo com os autores, é fundamental considerar a língua como sendo heterogênea e variável e lembrar sempre que língua e sociedade estão em harmonia constante. Outro fator importante, posto pelos estudiosos, é que, quando se trata do fenômeno da mudança linguística, se torna relevante considerar que esse processo é transmitido dentro da comunidade como um todo. Por trás de toda mudança, estão sempre algumas condições que a tornam possível e “em algum momento do processo de mudança, as variantes em competição serão investidas de uma significação social, avaliando-se negativa ou positivamente a variante inovadora” (WLH, 2006 [1968], p. 145).

1.4 – “Ter” e “haver” na visão de Gramáticos

Sobre a gramática normativa, Cunha e Cintra (2013, p. XXIV) afirmam que

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias.

Segundo essa perspectiva, o que é descrito pela gramática normativa é tido como situação de privilégio, ou seja, um modelo a ser seguido pelos falantes da língua, em situações de formalidade.

Sendo assim, desde o século XX, já há uma preocupação em estudar os usos dos verbos “ter” e “haver” nas gramáticas do português, conforme se pode comprovar no trecho a seguir:

O verbo *haver*, fazendo as vezes do verbo *existir*, usa-se no singular ainda quando se refira à existência de muitos seres expressos por substantivo no plural. Remonta esta prática ao período latino em que *habere*, mantendo ainda o sentido primitivo, teria sujeito próprio. Diferenciado o sentido e obliterada da mente a noção do dito sujeito, continuou-se todavia a usar o verbo no singular. A repugnância que sempre houve pelo emprego da forma *hão* como verbo nocional contribuiu para que, não somente em linguagem literária, mas ainda em linguagem popular, se dissesse até hoje sempre no presente do indicativo *há homens*, *há nações*, etc. Por analogia se havia de usar também o singular nas demais formas do verbo, não sendo contudo de estranhar que nestoutras prevalecesse alguma vez a razão semântica sobre a força do antigo uso. Em alguns escritores notáveis do século XIX têm-se apontado vários exemplos de orações existenciais com *houveram*, *houvessem*, etc., no plural.” (SAID ALI, 1957, p.305)

Em Dias (1970), também se encontra o emprego de “haver”, acompanhado de complemento direto, significando assim, no seu conjunto, a existência de uma pessoa ou coisa.” (DIAS, 1970, p.17). Verificamos, portanto, que essa gramática já apresentava preocupação em explicar o uso do verbo “haver”, com o sentido de “existir”. Vejamos os exemplos a seguir:

(10) Não **ha** nesta vida contentamento, que permaneça.⁴

(11) Sem paixões violentas e exclusivas, não **ha** as energias que assombram.

Ao pesquisarmos em, Said Ali (1957), Dias (1970), Cunha e Cintra (2008), Bechara (2009, 2010), entre outros, observamos que o uso de “ter”, com sentido de “existir”, quase não é mencionado e/ou quando mencionado, seu uso é considerado um desvio da norma padrão, principalmente, na língua escrita. Em oposição a essa constatação, Avelar (2005) aponta que, desde o Latim Clássico, os verbos “ter” e “haver” caminham paralelamente. Devido à perda da força expressiva do verbo “haver”, a língua recorreu ao uso de “ter”, que gradualmente foi substituindo “haver”

⁴ Exemplos 10 e 11 extraídos de Dias (1970), p.17.

em estruturas de posse e em construções de tempos compostos, e, posteriormente, passou a concorrer com “*haver*” em estruturas, com sentido de “existir”.

Bechara (2009) não reserva uma seção para tratar dos verbos “*ter*” e “*haver*”, com sentido de “existir”, mas em Bechara (2010), o autor menciona que a variação entre esses dois verbos, com sentido de “existir”, é considerada “erro”, tendo como “correto” somente o verbo “*haver*”, com sentido de “existir”.

Em Cunha e Cintra (2013), encontramos uma seção contendo a sintaxe do verbo “*haver*”, em que são apresentadas algumas passagens sobre esse verbo com sentido de “existir”, já o verbo “*ter*” com esse sentido não é mencionado:

Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa “existir”, ou quando indicar tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão-somente na 3ª pessoa do singular [...] O verbo *haver*, quando sinônimo de “existir”, constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). (CUNHA; CINTRA, 2013, p.553-554).

Observamos os exemplos a seguir:

(12) **Há** trovoadas em toda parte... (M. Torga, V, 158.)⁵

(13) **Há** tantas folhas pelas calçadas!

Consultamos também Perini (2010). O autor comenta que “*haver*” ocorre raramente, em geral no contexto de linguagem cuidada; “*ter*” é a forma normal. A partir disso, “*ter* e *haver* são sinônimos, e aparecem tipicamente na construção de apresentação de existência” (PERINI, 2010, p.79).

Também em Castilho (2010) encontramos que

Deslocado por *ter* nas estruturas possessivas, *haver* especializou-se nas construções existenciais, deslocando, por sua vez, o verbo *ser* existencial. Mas o embate entre *ter* e *haver* voltaria a ferir-se, e *ter* vai afastando *haver* nas estruturas existenciais. (p.403)

Vejamos o exemplo a seguir:

(14) **Tinha** um gato preto perto dela.⁶

⁵ Exemplos 12 e 13 extraídos de Cunha e Cintra (2013), p.553-554.

⁶ Exemplo extraído de Castilho (2010), p.329.

Assim, fazendo uma revisão em diferentes gramáticas, pudemos observar que o uso de “ter”, substituindo “haver”, em situações com valor de “existir” ainda não é aceito pelas gramáticas, principalmente, as de viés normativista. Na gramática descritiva de Perini e na gramática normativa de Castilho, pudemos verificar a menção ao emprego de “ter”, em construções com sentido de “existir” no Português Brasileiro, isto é, o verbo “ter”, com sentido de “existir” é mais aceito em situações de linguagem informal.

Na seção seguinte, apresentaremos algumas pesquisas que investigam os verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”.

1.5 – “Ter” e “haver” na visão variacionista

1.5.1 – Callou e Avelar (2000)

Callou e Avelar objetivaram investigar quais são os fatores intra- e extralinguísticos que estão ligados à variação de “ter” e “haver”.

Os dados para a pesquisa foram retirados do projeto NURC/RJ, contendo dois *corpora* da década de 70 e dois da década de 90, e todos os falantes foram separados por faixa etária, com nível superior de escolarização. Para o trabalho, foi utilizada a Teoria da Variação Linguística de Labov, à luz da Sociolinguística Paramétrica, e, para o processamento das construções existenciais, foi utilizado o pacote de programas VARBRUL.

Segundo Callou e Avelar (2000), os verbos “ter” e “haver” são considerados de ampla funcionalidade, ora ocorrem como verbos plenos e ora como verbos funcionais, que fazem uma transmissão para o seu objeto, o papel de predicador da sentença. Segundo os autores, é comum a ocorrência de um advérbio ou de um sintagma preposicional que indicam tempo e lugar junto com estes verbos, conforme os exemplos a seguir.

(15) “**tinha** uma pracinha ali (70-140)”⁷

(16) “**houve** um esvaziamento no centro da cidade (70-273)”

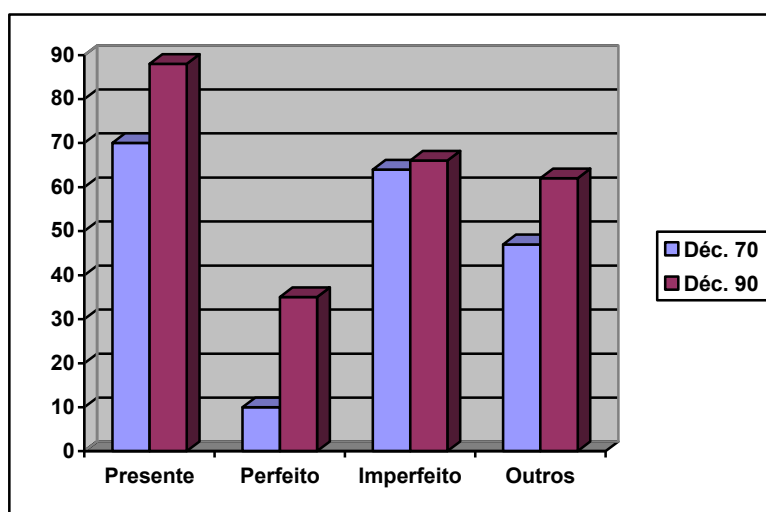
⁷ Exemplos (15, 16 e 17) extraídos de Callou e Avelar (2000), p.4.

(17) “aquele congresso que **teve** lá no Rio Sul” (90-347)

Callou e Avelar (2000) observaram que a presença de “ter”, em substituição ao verbo “haver” ainda não se completou – 69% de “ter” e 31% de “haver”, embora o percentual de “ter” salte de 63%, nos anos 70, para 76%, nos anos 90, sugerindo, assim, uma mudança em progresso. Além disso, os pesquisadores mostram que, tanto em uma década como em outra, quatro fatores foram relevantes para a variação em estudo, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e gênero.

As construções no tempo “passado” favoreceram o uso do verbo “haver” enquanto as no tempo “presente” favoreceram o verbo “ter”, como mostra o gráfico a seguir.

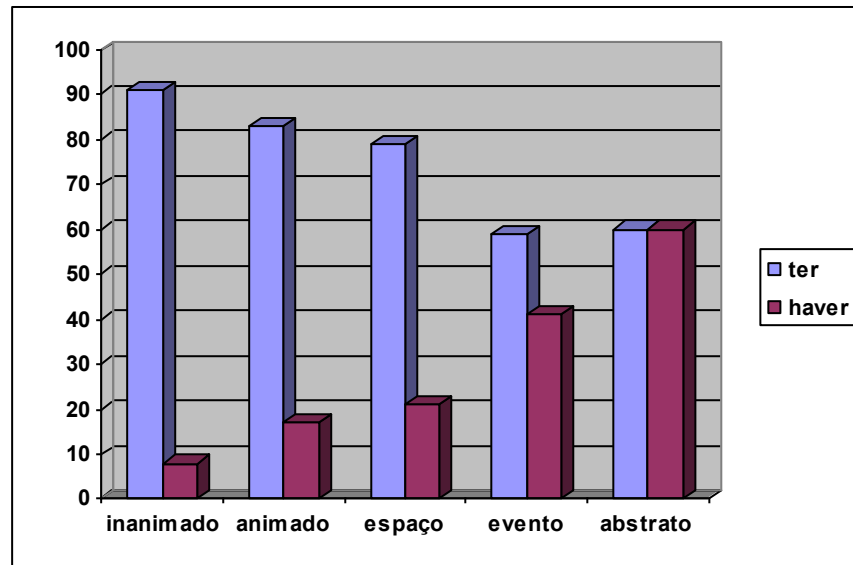
Gráfico 1: Correlação de “ter” versus “tempo verbal” nas décadas de 70 e 90



Fonte: Callou e Avelar (2000), p.7.

Os argumentos “animado” e “inanimado”, favoreceram o uso de “ter”, enquanto os do tipo “abstrato” e de “evento”, favoreceram o uso de “haver”, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 2: Frequência de “ter” e “haver” pela especificidade semântica do argumento interno, juntando as duas décadas



Fonte: Callou e Avelar (2000), p.8.

Com relação ao fator extralinguístico faixa etária, observou-se que, quanto mais jovens, maior o uso do verbo “ter”, chegando a 98%. Quanto ao gênero, na década de 70, o uso de “ter” entre as mulheres era maior do que entre os homens (69% / 47%), que aumentaram a frequência do uso de “ter”, na década de 90, de 47% para 74%.

Os autores consideram que o uso do verbo “haver” está hierarquizado, isto é, está relacionado com questões de prestígio e é mais utilizado em situações formais.

1.5.2 – Almeida e Callou (2003)

Almeida e Callou investigam os verbos “ter” e “haver”, nos séculos XIX e XX, para tratar um percurso na evolução da língua portuguesa. O *corpus* para o trabalho foi extraído de anúncios e editoriais de jornais publicados no Rio de Janeiro e em Lisboa. O estudo focaliza as estruturas com sentido de “existir”, de posse, com participio passado e expressões modais desses dois verbos.

- (18) “o povo **tem** a desgraça de estar rodeado de lisonjeadores” (ED./XX - Lisboa)⁸
- (19) “Vossa Excelência ficará envergonhado de **haver feito** tão bom papel” (ED./XIX - Brasil)⁹
- (20) “[...] em vez de ir para Valencia, passar diretamente a Saragoça, para onde **havia de partir** no dia 21” (ED./XIX - Lisboa)¹⁰

Os fatores que se revelaram importantes na investigação foram: tipo de estrutura de que o verbo participa, tempo e modo verbais, tipo de argumento interno, origem dos dados (Português Brasileiro ou Português Europeu), época da circulação do jornal.

Os autores concluíram que, nos dois gêneros textuais, editoriais e/ou anúncios, o verbo “ter” predominou em todas as construções, exceto nas que possuem sentido de “existir”, em que “haver” predominou. E esse verbo também foi predominante nas estruturas modais no PE (Português Europeu), do século XIX.

Segundo os autores, obrigatoriamente, as estruturas existenciais são caracterizadas pela presença de um complemento (objeto direto) e pela ausência de sujeito e, além do sentido de “existir”, podem assumir sentido de “ocorrer” ou “acontecer”, conforme se pode verificar nos exemplos a seguir.

- (21) “Nas altitudes de 1000 ou mais metros, não **há** micróbios no ar” (ED./XX-Lisboa)¹¹ – verbo “haver” sentido de “existir”
- (22) “além do salão de bingo permanente, **tem** o salão de Video Bingo” (ANUN./XX) – verbo “ter” com sentido de “existir”
- (23) “**Haverá**, na rua Carioca n.20, um grande e extraordinário leilão de fazendas de lei” (ANUN./XIX) – verbo “haver” com sentido de “acontecer”

Os autores constataram que, nas estruturas com sentido de “existir”, o verbo “haver” predomina sobre o verbo “ter”, nos anúncios tanto no século XIX quanto no século XX. Em editoriais de Lisboa do século XIX, o percentual de “haver” teve seu uso mais frequente, com 89%, e, no século XX, não foram registradas ocorrências

⁸ Exemplo (18) extraído de Almeida e Callou (2003), p.1

⁹ Exemplo (19) extraído de Almeida e Callou (2003), p.1

¹⁰ Exemplo (20) extraído de Almeida e Callou (2003), p.2

¹¹ Exemplos (21, 22 e 23) extraídos de Almeida e Callou (2003), p.1.

com o verbo “ter”, ou seja, “haver” foi o único verbo presente nesse período, como verificamos na tabela a seguir.

Tabela 2: Frequência dos verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” em editoriais dos séculos XIX e XX no Português Europeu

Português Europeu								
	Editoriais do século XIX				Editoriais do século XX			
	TER		HAYER		TER		HAYER	
Existenciais	3	11%	24	89%	0	0%	32	100%

Fonte: Almeida e Callou (2003), p.3.

Nos editoriais do Rio de Janeiro, o verbo “haver” também foi predominante e, no século XX, o percentual de “haver” foi menor do que no século XIX. Observou-se também que “haver”, com sentido de “existir”, ocorreu com maior frequência, mas, em editoriais do Rio de Janeiro do século XX, o uso de “ter”, com sentido de “existir”, teve um aumento evidenciado, o que não ocorreu em Portugal. Observemos as tabelas a seguir.

Tabela 3: Frequência dos verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” em editoriais dos séculos XIX e XX no Português Brasileiro

Português Brasileiro								
	Editoriais do século XIX				Editoriais do século XX			
	TER		HAYER		TER		HAYER	
Existenciais	2	14%	12	86%	16	38%	26	62%

Fonte: Almeida e Callou (2003), p.2-3.

Tabela 4: Frequência dos verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” em anúncios dos séculos XIX e XX no Português Brasileiro

Português Brasileiro								
	Anúncios do século XIX				Anúncios do século XX			
	TER		HAYER		TER		HAYER	
Existenciais	10	22%	35	78%	2	15%	11	85%

Fonte: Almeida e Callou (2003), p.2-3.

Os autores analisaram as ocorrências dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, a partir da perspectiva da Sociolinguística variacionista laboviana, utilizando o pacote de programas VARBRUL, para observar as variáveis que possibilitariam o condicionamento de uma ou outra forma verbal. Com relação à origem dos dados (PB ou PE), observou-se que o uso do verbo “ter” é mais frequente no Brasil do que em Portugal (38% / 5%, respectivamente), já o percentual de ocorrência de “haver” é maior em Portugal do que no Brasil (95% / 62%, respectivamente).

Em relação ao tempo verbal, o tempo “passado” foi responsável pela manutenção do uso do verbo “haver”. Em relação à especificidade semântica do argumento interno, tanto em anúncios quanto em editoriais, os argumentos “abstratos” favoreceram um maior uso do verbo “ter”. Os argumentos que indicam tempo e espaço favoreceram um maior uso do verbo “haver”. Contudo, em textos escritos, mesmo no século XX, o uso do verbo “haver” predomina em construções com sentido de “existir”.

1.5.3 – Avelar (2005)

Avelar analisou os casos de “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, para mostrar a variação do português brasileiro, em *corpora* da língua escrita e da língua falada. O *corpus* da língua escrita foi extraído de textos jornalísticos e de livros produzidos de 2003 a 2005. O *corpus* da língua falada foi retirado de dados dos projetos NURC e PEUL, das décadas de 90 e 80, respectivamente, de entrevistas de indivíduos com e sem nível superior. Foi utilizado o pacote de programas GOLDVARB 2001 para o processamento dos dados e os resultados foram mostrados por meio de gráficos.

O autor considera que as ocorrências de “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, estão relacionadas com a **gramática periférica** (pelo processo de escolarização), em oposição à **gramática nuclear** (processo natural de aquisição da linguagem).

Avelar (2005) mostra que a **gramática nuclear** é classificada, segundo os pressupostos de Chomsky (1981), como a gramática internalizada, resultante do processo natural de aquisição da língua. O autor opõe essa gramática à **periférica**,

seguindo o que é proposto por Kato (2005), que afirma que a **gramática periférica** “pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções, de forma que indivíduos da mesma comunidade podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal.” (KATO, 2005, p.3, apud AVELAR, 2005, p.2). Sobre essas gramáticas, Avelar (2005) conclui que, se observarmos um texto de um falante do português brasileiro contemporâneo, encontraremos alguns recursos que fazem parte de sua **gramática periférica** e que não estão presentes em sua **gramática nuclear**.

Um dos resultados da pesquisa de Avelar (2005) foi que a frequência de “ter” e “haver” são opostas nas modalidades falada e escrita. Na fala, por exemplo, foram encontradas 87% de ocorrências com verbo “ter”, com sentido de “existir”, e na escrita somente 14%. Faixa etária, nível de escolarização e o tipo textual, foram alguns fatores favorecedores dos usos desses dois verbos. Na pesquisa, foi encontrada maior frequência de verbo “ter”.

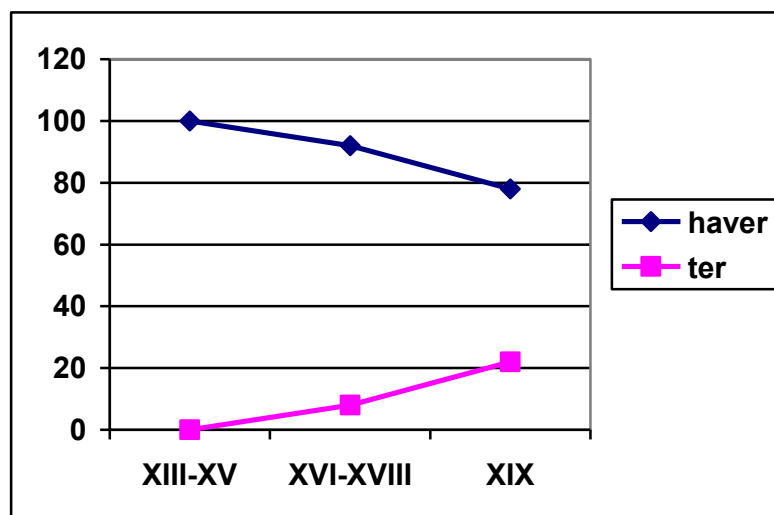
Segundo o autor, o verbo “haver” é mais frequente em situações de prestígio, seu uso é preferido na língua escrita; em textos mais informais ocorre maior frequência do verbo “ter”. O autor afirma não existir variação entre “ter” e “haver” na gramática internalizada de um falante do português brasileiro. Além do grande uso do verbo “haver”, Avelar (2005) cita outros verbos, que ele chama de “apresentacionais, licenciados normalmente em contextos de interpretação existencial” (p.13), dos quais, de acordo com o autor, os mais comuns são “acontecer” e “existir”. Um apontamento importante é que, na fala carioca, encontra-se uma preferência pelos usos dos verbos “existir” e “acontecer”, ideia que é incluída no trabalho como forma variante, como mostrado nos exemplos¹² a seguir.

- (24) a- **Teve/aconteceu** um acidente horrível na estrada.
 b- Sempre **tem/acontece** alguma confusão nas festinhas da universidade.
 c- Não **tem/existe** vida em outros planetas do sistema solar.
 d- Nunca **teve/existiu(ram)** partidos políticos totalmente confiáveis no Brasil.

¹² Exemplo (24) extraído de Avelar (2005), p. 13.

O gráfico a seguir foi utilizado pelo autor para mostrar que o verbo “ter” já é utilizado com o sentido de “existir” desde o século XVII, em documentos produzidos exclusivamente no Brasil, alcançando um total de 22% em dados na escrita.

Gráfico 3: Percentual de “ter” e “haver” com sentido de “existir” em oito séculos de história do português, considerando-se documentos escritos exclusivamente no Brasil a partir do século XVII



Fonte: Avelar (2005), p.25

Avelar (2005) concluiu que a Sociolinguística é de crucial importância, pois nos faz olhar a língua como um produto sociocultural. O autor nos mostra que os usos dos verbos “ter” e “haver” estão relacionados também com as questões sociais, de escolhas, de prestígio, especialmente quando dizem respeito ao verbo “haver”. O autor concluiu ainda, que esses dois verbos não andam em “pé de igualdade quanto ao seu caráter funcional” (AVELAR, 2005, p.12), ou seja, “ao perder o posto de existencial canônico, *haver* passou a residir ao lado de itens como “existir”, “acontecer” e “ocorrer”, cujas construções expressam um conteúdo similar ao de certas existenciais” (AVELAR, 2006, p.5).

1.5.4 – Oliveira (2010)

A autora analisa diacrônica, qualitativa e quantitativamente, as formas verbais “ter” e “haver” com sentido de “existir” em 90 textos formais, de diferentes gêneros, publicados em jornais de várias regiões do Brasil no século XIX, a fim de verificar o

abandono da forma “haver”, em construções com sentido de “existir”, possessivas e perifrásticas e o conseqüente uso da forma “ter” nessas estruturas.

Nas estruturas com verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, a autora verificou a ocorrência de 88,4% de verbos “haver” e 11,6% de construções com “ter”, o que nos faz perceber um aparecimento tímido do verbo “ter”, com sentido de “existir”, nesse século, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 5: A atuação de “ter” e “haver” com sentido de “existir” nos textos formais escritos no século XIX

Século XIX					
	Verbo <i>Ter</i>		Verbo <i>Haver</i>		Total
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	
Verbos existenciais/funcionais	11	11,6	84	88,4	95

Fonte: Oliveira (2010), p.3.

A autora nos mostra ainda, que o verbo “ter”, com sentido de “existir”, ocorre com sujeito nulo e seguido de um complemento direto. O verbo “haver”, com sentido de “existir”, ocorre com sujeito nulo, mas com um sintagma nominal interpretado como complemento direto ou um complemento locativo. Das 84 ocorrências com o verbo “haver”, com sentido de “existir”, 16 casos ocorreram expressando uma certa duração de tempo ou com uma duração no “passado”. Foram encontrados três casos em que “haver” está flexionado de acordo com o SN plural.

1.5.5 – Costa *et.al.* (2011)

Costa *et. al.* tiveram como objetivo verificar se o uso dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, segue as prescrições da gramática normativa. Como base teórica foi utilizada a Teoria da Variação e a gramática normativa. Foram analisadas aproximadamente 22.500 amostras de textos formais e 22.500 amostras de textos informais, retirados de ensaios de jornais e de revistas virtuais, verificando quais fatores foram condicionadores para o uso de uma ou outra forma verbal, e concluindo que o fator mais favorecedor foi a formalidade da língua.

Os autores afirmam, na introdução do trabalho, que o verbo “haver” é usado, com sentido de “existir”, sendo impessoal, já o verbo “ter” é mais utilizado na fala coloquial dos falantes do português brasileiro, até mesmo dos mais escolarizados. Diante disso, os autores se propuseram observar a ocorrência desses verbos em textos escritos e verificar se o uso dessas formas verbais obedece ao que prescreve a Gramática Tradicional.

Costa *et. al.* (2011) afirmam que, segundo muitos gramáticos, o verbo “haver” é usado, com sentido de “existir”, de forma impessoal, seguido de um objeto direto e com conjugação na 3ª pessoa, como mostram os exemplos a seguir.

(25) “**Há** um garoto na piscina.”¹³

(26) “**Havia** muitos gatos na cozinha.”

Os autores basearam-se em Cunha e Cintra (2001) e chegaram à conclusão de que o verbo “ter” é utilizado coloquialmente e que ele se assemelha ao verbo “haver”, com sentido de “existir”, sendo impessoal.

(27) “**Tem** um processo seguro...”¹⁴

Os autores acrescentam que, sobre o verbo “ter”, com sentido de “existir”, pouco se vê nas gramáticas e seu uso fica restrito à língua falada.

Como resultado, foi mostrado que não se encontrou o verbo “ter” nos textos formais, demonstrando a concordância desse resultado com o que se afirma na Gramática Tradicional (GT), sobre a preferência do verbo “haver” em textos formais.

Já nos textos informais, houve preferência pelo verbo “ter” (56%), o que contraria o fato de, na GT não se mencionar o verbo “ter” com sentido de “existir”. Por esse resultado, os autores perceberam que há interferência da fala na escrita.

Com relação ao tempo verbal, nos textos formais observou-se que o “presente do indicativo” favorece o uso do verbo “haver”, com uma frequência de 73%, enquanto de “ter” não foram encontradas ocorrências, como mostra a tabela a seguir.

¹³ Exemplos (25 e 26) extraídos de Costa *et.al.* (2011), p.3.

¹⁴ Exemplo (27) extraído de Costa *et.al.* (2011), p.3.

Tabela 6: Ocorrências de “ter” e “haver” em textos formais e seus respectivos tempos verbais

Tempo verbal	FORMAL			
	HAVER		TER	
	Ocor.	%	Ocor.	%
Presente do indicativo	16	73	0	0
Pretérito perfeito do indicativo	0	0	0	0
Pretérito imperfeito do indicativo	1	4,5	0	0
Futuro do presente do indicativo	1	4,5	0	0
Presente do subjuntivo	1	4,5	0	0
Pretérito imperfeito do subjuntivo	1	4,5	0	0
Futuro do subjuntivo	1	4,5	0	0
Imperativo	0	0	0	0
Gerúndio	1	4,5	0	0
Infinitivo	0	0	0	0
TOTAL	22	100	0	0

Fonte: Costa *et.al.* (2011), p.8.

Em relação ao traço semântico, o uso do traço [-humano] em textos formais e informais favoreceu o uso do verbo “haver” e, em textos informais, favoreceu o uso de “ter” (100% e 58%, respectivamente), como podemos verificar na tabela a seguir.

Tabela 7: Traço semântico do objeto direto

	FORMAL				INFORMAL				TOTAL	
	HAVER		TER		HAVER		TER		Ocor	%
	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%		
+ humano	0	0	0	0	0	0	8	42	8	15
- humano	22	100	0	0	14	100	11	58	4	85
TOTAL	22	100	0	0	14	100	19	100	55	100

Fonte: Costa *et.al.* (2011), p.10.

Os autores concluíram que o verbo “haver”, com sentido de “existir”, tanto nas amostras formais quanto nas informais, comporta-se como verbo impessoal empregado sempre na 3ª pessoa do singular.

1.5.6 – Oliveira (2014)

Este trabalho de Oliveira objetivou verificar os usos dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, na fala de São José do Rio Preto, verificando se o processo de variação entre esses dois verbos já se consolidou e se, também na escrita de crianças do segundo ciclo do ensino fundamental ocorre o mesmo processo, ou se a aquisição do verbo “haver”, com sentido de “existir”, é puramente escolar. Como suporte teórico a autora utilizou a teoria da Variação e Mudança Linguística formulada por WLH (1968).

Os dados da língua falada foram retirados do banco de dados IBORUNA, desenvolvido pelo projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), no período de março de 2004 até setembro de 2007. Para a língua escrita, foram utilizados textos escritos por alunos do segundo ciclo do ensino fundamental, banco de dados que foi organizado pela professora Dra. Luciani Ester Tenani, apenas no ano de 2008.

As sentenças analisadas foram processadas pelo pacote de programas GOLDVARB. Para a língua falada, foram observados os seguintes fatores: especificidade semântica do argumento interno e tempo verbal. Já nos da língua escrita foram observados gênero discursivo e escolaridade.

No *corpus* de língua falada, o verbo “ter”, com sentido de “existir”, foi mais usado do que o verbo “haver” (97,8% / 2,2%); no *corpus* de língua escrita, ocorreu o mesmo (76,2% / 23,8%, respectivamente), o que permitiu concluir que na fala e na escrita rio-pretense há uma preferência pelo uso de “ter” com sentido de “existir”, como se observa na tabela a seguir:

Tabela 8: Número total de ocorrências de “ter” e “haver” com sentido de “existir” na língua falada e na língua escrita

	<i>Ter</i> existencial	<i>Haver</i> existencial	Total
Língua falada	97.8% (496/507)	2.2% (11/507)	100% (507)
Língua escrita	76.2% (323/424)	23.8% (101/424)	100% (424)

Fonte: Oliveira (2014), p.6

Segundo a autora, os traços semânticos [animado] e [inanimado ou material] favorece o uso de “ter”, com sentido de “existir”, já o [+abstrato] favorece o uso de “haver”; os traços [+espaço +evento] favorecem a variante “haver”, em construções com sentido de “existir”. Quanto ao tempo verbal, o “presente” favorece o uso de “ter”. Em relação ao gênero, observou-se preferência, tanto para o masculino quanto para o feminino, do uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”. Também no fator escolaridade, o uso do verbo “ter” se sobressaiu: 72% em contraposição a 28% de “haver”, com sentido de “existir”.

1.5.7 – Vitório (2007, 2010 e 2013)

Vitório desenvolveu vários estudos sobre os verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, na língua falada e na língua escrita, dos quais apresentaremos os principais resultados.

1.5.7.1 – Vitório (2007)

Vitório, utilizando a Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov, e para verificar as diferenças entre a Gramática Tradicional e a realidade da língua, investigou o uso dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries, do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE, em uma escola da rede pública. Obteve como resultado, o uso de “ter”, com sentido de “existir”, mais frequente do que o de “haver”; de acordo com a autora, os fatores linguísticos tempo verbal, tema do texto, animacidade do SN objeto, foram condicionadores da variação.

As construções foram codificadas pelo pacote de programas VARBRUL, cujos resultados foram demonstrados por meio de tabelas e gráficos. Dentre as ocorrências analisadas, em 89% houve a preferência do verbo “ter” e 11% de usos do verbo “haver”, com sentido de “existir”, contrariando a hipótese inicial da autora de que “ter” apareceria em menor porcentagem do que de “haver”.

Para os dois tempos verbais analisados, “passado” e “presente”, observou-se que o verbo “haver” ocorreu preferencialmente no tempo “passado”.

Quanto à animacidade do SN do objeto, o fator [animado] favoreceu o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”, e no fator [inanimado] também ocorreu a preferência pelo uso de “ter”, mas o verbo “haver”, com sentido de “existir”, é mais usado com o fator [inanimado].

1.5.7.2 – Vitório (2010)

Partindo novamente do pressuposto de que há diferença entre os usos reais da língua e a gramática normativa, a autora objetivou apresentar os usos de “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, mostrando como eles são apresentados na gramática e nos estudos sociolinguísticos.

A autora observou que, em várias gramáticas normativas da língua portuguesa, a variação dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, é tida como uma forma “incorreta” na língua culta, pois as gramáticas tratam o verbo “haver” como o único “correto” com o sentido de “existir”, não se aceitando, então, o uso de “ter” com tal sentido. Sempre se encontra o verbo “haver” como impessoal e na 3ª pessoa, como no exemplo a seguir:

(28) “**Há** um homem na sala.”¹⁵

Na gramática de Almeida (1999), Vitório aponta que o verbo “ter” é o único que não pode ser impessoal, dentre os quatro verbos auxiliares e, seu uso, com o sentido de “existir”, é visto como um “erro”, devendo ser evitado. Já em Cunha e Cintra (2001), encontra-se que não só na fala coloquial no Brasil, mas também em nações africanas, há também o uso de “ter” impessoal, até mesmo em autores consagrados, como podemos observar no exemplo a seguir:

(29) “Hoje **tem** festa no brejo!” (C. D. de Andrade)¹⁶

Também em Sacconi (2001), Vitório observou que o uso de “ter”, com sentido de “existir”, na fala do Brasil, já se tornou muito comum, mas Bechara (1983)

¹⁵ Exemplo (28) extraído de Vitório (2010), p.3.

¹⁶ Exemplo (29) extraído de Vitório (2010), p.3.

considera seu uso como um “erro” na língua culta, embora considere que o uso de “ter” seja preferencial na fala dos brasileiros.

Após apresentar vários estudos sociolinguísticos sobre os verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, Vitório concluiu que o uso de “ter” nessas construções não se tornou uma forma estigmatizada pela sociedade. Apesar de não ser uma tradição nas gramáticas, é uma variação que se encontra entre falantes de diversos níveis de escolaridade, sem causar nenhum tipo de preconceito linguístico. O uso de “ter”, com sentido de “existir”, também já está presente na mídia, não se restringindo aos falantes da língua, sendo o “haver” utilizado em situações mais formais de uso da língua.

1.5.7.3 – Vitório (2013)

Neste trabalho é apresentada uma análise comparativa dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, na fala culta e na escrita acadêmica, para verificar se há uma influência da fala na escrita e também observar o comportamento desses dois verbos, nessas duas modalidades da língua.

A autora seguiu a proposta de Kato e Tarallo (1989) e alguns estudos linguísticos sobre o tema. Os dados da língua falada foram extraídos de 24 informantes alagoanos, de fevereiro a julho de 2010, e foram separadas por faixas etárias. As amostras de escritas acadêmicas foram extraídas de teses e dissertações, apresentadas na Universidade Federal de Alagoas, de 2005 a 2010. Os dados foram processados quantitativamente pelo pacote de programas GOLDVARB, observando-se os seguintes fatores: tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e sexo.

Os resultados mostraram que “ter” e “haver” ocorrem com frequência oposta na fala e na escrita. Na língua falada, “ter”, com sentido de “existir”, ocorre com 88%, mas na escrita somente com 7%; na escrita, o verbo “haver” ocorre com 93%, e na fala com somente 12%. A autora conclui, mediante esses resultados, que o verbo “ter”, com sentido de “existir”, é utilizado preferencialmente na língua falada alagoana, e o verbo “haver”, com esse mesmo sentido, é usado com maior frequência na escrita acadêmica de Alagoas.

Observamos, assim, que a língua falada se distancia notoriamente da língua escrita. Na fala, o tempo “presente” favorece o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir” (80%), e o “passado” favorece o uso de “haver” (44%). Já na escrita, o verbo “ter” é pouco usado e ocorre com maior frequência no tempo “presente”, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 9: Realizações de “ter” e “haver” na variável - tempo verbal

	LÍNGUA ESCRITA				
	Presente	Perfeito	Imperfeito	Outros	Total
Ter	14/67%	2/9%	4/19%	1/5%	21
Haver	180/60%	37/13%	14/5%	67/22%	298

Fonte: Vitório (2007), p.9.

Em todas as faixas etárias analisadas, houve preferência pelo verbo “ter”, em 98% das ocorrências. A autora concluiu ainda que, o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, na escrita acadêmica, é fruto do processo de escolarização e o indivíduo culto evita a influência da fala na sua escrita.

Na seção seguinte, apresentaremos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a produção deste trabalho.

2. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os *corpora* utilizados nesta pesquisa. Em seguida, apresentamos as hipóteses levantadas sobre o uso dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, além de trazermos os objetivos deste trabalho e, por último, o envelope de variação que foi utilizado para a análise dos dados coletados.

2.1 – OS *CORPORA* DA PESQUISA

Para a nossa pesquisa, utilizamos notícias dos jornais¹⁷ **Lavoura e Comércio** (LC) e **Jornal da Manhã** (JM), da cidade de Uberaba-MG. O jornal **Lavoura e Comércio** foi utilizado para a coleta de dados, do início do século XX, de janeiro de 1906 a junho de 1907, até a coleta de 150 dados. Do **Jornal da Manhã**, coletamos 150 dados, do início do século XXI, de janeiro de 2006 a junho de 2006. Ao todo, coletamos 300 dados para serem analisados, sem a seleção de temas específicos para as notícias lidas.

O jornal **Lavoura e Comércio** foi fundado em 6 de julho de 1899 e circulou até 27 de outubro de 2003, sem interrupções, funcionando por muito tempo como a expressão de um grupo social da cidade de Uberaba e região. Diariamente, esse jornal não só apresentava ao seu leitor editoriais e cadernos temáticos, mas também outras seções como artigos de opinião, de utilidade pública, propagandas, dentre outros.

O **Jornal da Manhã** foi fundado em 25 de julho de 1972, participando, decisivamente, do processo de desenvolvimento de Uberaba e região. O jornal possui sede em Uberaba, mas circula por alguns municípios vizinhos, além de ser veiculado *on-line*. É um jornal moderno e completo, abordando diversos temas de toda a região e é o jornal de maior circulação na cidade de Uberaba até os dias de hoje.

De acordo com o *site* Wikipedia, Uberaba é uma cidade localizada no Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais, Brasil. Possui população com mais de 300 mil habitantes, com o 72º maior PIB (produto interno bruto) do país, é

¹⁷ As informações sobre os jornais LC e JM foram retiradas no arquivo público da cidade de Uberaba/MG.

considerada uma cidade-polo. Tornou-se conhecida como a cidade do gado Zebu, e a pecuária, é a atividade mais desenvolvida na cidade. A imagem¹⁸ a seguir situa a localização da cidade de Uberaba, no mapa do estado de Minas Gerais.

Figura 1: Localização de Uberaba em Minas Gerais



Fonte: Wikipedia.

Optamos por trabalhar com os jornais como fonte para pesquisa do Português de Uberaba de sincronias passadas, pois coadunamos com Berlinck e Bueno (2008, p.9), que argumentam que o texto jornalístico

[...] constitui um espaço privilegiado para analisarmos processos de implementação de mudanças. Trata-se de um texto público, que tanto atua sobre os componentes da situação sócio-histórica ao qual está vinculado, quanto sofre influências dessa situação. Tem, assim, um duplo papel de agente e paciente.

Os séculos foram escolhidos devido à disponibilidade dos jornais, isto é, o LC, mesmo não estando em circulação hoje na cidade de Uberaba, encontra-se disponível *on-line*. O JM circula impresso pela cidade e também se encontra *on-line*. Os dois jornais foram lidos pela *internet*.

Pressupondo que o PB de uma época e outra, mais especificamente, dos séculos XX e XXI, constitui sistemas linguísticos diferentes, os períodos escolhidos objetivaram inserir esta dissertação na Sociolinguística Paramétrica, ou seja, estamos investigando dois sistemas distintos.

2.2 – Hipóteses

¹⁸ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba>, acesso em 27 de agosto de 2015.

Para a nossa pesquisa levantamos as seguintes hipóteses:

- O verbo “haver” é mais utilizado, com o sentido de “existir”, em notícias no início do século XX, já o verbo “ter”, com sentido de “existir”, é mais usado em notícias no início do século XXI dos jornais da cidade de Uberaba.
- O traço [-animado] favorece o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, já o traço [+animado] favorece o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”.
- Os tempos verbais “pretérito” e “futuro” favorecem o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, e o tempo “presente” favorece o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”.
- O verbo “haver” é mais usado com o objeto posposto a ele, já o verbo “ter” é mais utilizado com o objeto anteposto a ele.
- Objetos concretos favorecem o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, já os objetos abstratos favorecem o uso de “ter”, com sentido de “existir”.

2.3 – Objetivos

Objetivo geral:

- Realizar um estudo descritivo e quantitativo do uso dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, em notícias extraídas de jornais publicados na cidade de Uberaba, no início dos séculos XX e XXI.

Objetivos específicos:

- Investigar se o verbo “haver” é mais utilizado, com o sentido de “existir”, em notícias, no início do século XX, e se o verbo “ter”, com sentido de “existir”, é mais usado em notícias, no início do século XXI, dos jornais da cidade de Uberaba.

- Investigar se o traço [-animado] do objeto, favorece o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, e se o traço [+animado] favorece o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”.
- Investigar se os tempos verbais “pretérito” e “futuro” favorecem o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, e se o tempo “presente” favorece o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”.
- Investigar se o verbo “haver” é mais usado com o objeto posposto a ele, e se o verbo “ter” é mais utilizado com o objeto anteposto a ele.
- Investigar se objetos concretos favorecem o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”, e se os objetos abstratos favorecem o uso de “ter”, com sentido de “existir”.

2.4 – O envelope de variação

Foram relacionadas 300 ocorrências com “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, 150 do século XX e 150 do século XXI.

Variável dependente¹⁹:

(0) Século XX

(1) Século XXI

Grupos de fatores:

Grupo 1: verbos

(a) ter

(b) haver

¹⁹ As variantes linguísticas, segundo a teoria laboviana, são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. Segundo Lucchesi e Araújo (2012), a variável dependente é o fenômeno que se pretende estudar; por exemplo, “a expressão com sentido existencial”, as variantes seriam então as formas que estão em competição. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Tais fatores constituem as “variáveis explanatórias ou independentes”.

Exemplos:

(30) Talvez **tenha** um epílogo feliz, nos entendimentos que se vão realizar naquela estância balneária.²⁰

(31) **Havia** ali, escassez de tudo.

Grupo 2: animacidade do objeto

Este grupo baseia-se nos estudos de Callou e Avelar (2000), Vitório (2007), Costa *et. al.* (2011) e Oliveira (2014).

(c) + animado

(d) – animado

Exemplos:

(32) Aliás, **têm** lojistas de outros espaços que querem que o calçadão fique pronto...

(33) Parecia **haver** tônicos e revigorantes no ar molhado.²¹

Grupo 3: tempos verbais

Este grupo baseia-se nos estudos de Callou e Avelar (2000), Almeida e Callou (2003), Costa *et. al.* (2011), Oliveira (2014) e Vitório (2007).

(e) Passado

(f) Presente

(g) Futuro

²⁰ Os exemplos (30 e 31) foram extraídos do LC – 01 de fevereiro de 1906.

²¹ Os exemplos extraídos obedecem à seguinte ordem:

(32 ao 35) LC – 28 de janeiro de 1907

(36 ao 40) JM – 20 de abril de 2006

Exemplos:

(34) Festas públicas, propriamente, não **havia**.

(35) Verificou-se que **há** um mundo de gente que vai acertar suas contas com a lei eleitoral

(36) Na avenida, **haverá** sinalização

Grupo 4: posição do objeto em relação aos verbos “ter” e “haver”

(h) Anteposto

(i) Posposto

Exemplos:

(37) Festas públicas, propriamente, não **havia**.

(38) **Tem** ainda o PL 90/15

Grupo 5: natureza do objeto

Este grupo baseia-se no estudo de Callou e Avelar (2000), Almeida e Callou (2003) e Oliveira (2014).

(j) Concreto

(k) Abstrato

Exemplos:

(39) no município, **tinham** cerca de 200 engenhos de cana

(40) Neste meu reparo não **há** censura

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise e a discussão dos dados obtidos por meio das rodadas no programa GOLDVARB 2001, após o cruzamento da variável dependente e dos grupos de fatores, apresentados na seção anterior. A análise foi apresentada por meio de gráficos e tabelas que auxiliaram no entendimento dos resultados. Segundo Guy e Zilles (2007, p.26)

A vantagem principal de apresentações com gráficos é justamente seu caráter gráfico. Eles podem ser desenhados para salientar as relações encontradas nos dados, para ilustrar tendências, mostrar diferenças entre vários indivíduos, grupos ou variáveis; e para demonstrar co-variação entre diferentes variáveis. Eles apresentam proporções e razões de uma forma analógica que é mais prontamente apreendida pelo olho humano.

Para nossa análise, não descartamos nenhum dos grupos de fatores, mas é importante salientar que alguns são mais relevantes do que outros. Como já discutimos anteriormente, o programa GOLDVARB 2001 nos dá dados quantitativos, que devemos interpretar qualitativamente e, de acordo com Guy e Zilles (2007, p.21),

A fase de interpretação e explicação é aquela em que tentamos responder à questão: o que isso significa? A explicação, obviamente, está além do domínio da metodologia; explicações satisfatórias virão do nosso conhecimento e experiência como linguistas e das teorias que desenvolvemos sobre a natureza da linguagem humana.

Segundo esses autores, em toda pesquisa dialetal, o objetivo não é somente produzir números, mas descrever o uso dos fenômenos linguísticos. Portanto, nosso foco é, por meio das porcentagens obtidas, explicar o porquê dos nossos resultados.

3.1 – Resultado geral

A tabela a seguir nos dá uma visão geral dos resultados do nosso trabalho, os quais explicaremos detalhadamente nos próximos tópicos.

Tabela 10: Total de realizações das variáveis dependentes com relação às variáveis independentes.
(Leitura horizontal)

	GRUPOS DE FATORES	SÉCULO XX	SÉCULO XXI	PESO RELATIVO
Grupo 1	ter	28 / 30%	65 / 70%	0,30
	haver	122 / 59%	85 / 41%	0,59
Grupo 2	[+animado]	23 / 47%	26 / 53%	0,40
	[-animado]	127 / 51%	124 / 49%	0,52
Grupo 3	Passado	30 / 45%	36 / 55%	0,44
	Presente	110 / 51%	102 / 49%	0,51
	Futuro	10 / 45%	12 / 55%	0,52
Grupo 4	Anteposto	6 / 60%	4 / 40%	0,60
	Posposto	144 / 50%	146 / 50%	0,50
Grupo 5	Concreto	104 / 54%	89 / 46%	0,54
	Abstrato	46 / 43%	61 / 57%	0,42

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

3.1.1 – Variáveis dependentes: séculos XX e XXI

De acordo com a Tabela 10, no grupo 1, temos como grupo de fator os verbos “ter” e “haver”. No século XX, o verbo “ter” ocorreu em menor frequência do que do século XXI (30% e 70%, respectivamente). O verbo “haver”, no século XX, apresentou maior porcentagem do que no século XXI (59% e 41%, respectivamente).

O grupo 2 é composto pelo grupo de fator animacidade do objeto. No século XX, o objeto [+animado] ocorreu em menor frequência do que do século XXI (47% e 53%, respectivamente). O objeto [-animado], no século XX, apresentou maior porcentagem do que no século XXI (51% e 49%, respectivamente).

No grupo 3, temos o grupo de fator tempo verbal. No século XX, o tempo verbal “passado” ocorreu em menor frequência do que do século XXI (45% e 55%, respectivamente). O tempo verbal “presente”, no século XX, apresentou maior porcentagem do que no século XXI (51% e 49%, respectivamente). Já o tempo

verbal “futuro” apresentou porcentagens iguais às do tempo verbal “passado” (45% e 55%, respectivamente), de um século para o outro.

Faz parte do grupo 4, a posição do complemento verbal. No século XX, a posição anteposta do objeto com relação ao verbo ocorreu em maior frequência do que do século XXI (60% e 40%, respectivamente). A posição posposta do objeto com relação ao verbo, tanto no século XX quanto século XXI, apresentou a porcentagem de 50%.

No grupo 5, temos como grupo de fator a natureza do objeto. No século XX, o objeto concreto ocorreu em maior frequência do que do século XXI (54% e 46%, respectivamente). O objeto abstrato, no século XX, apresentou menor porcentagem do que no século XXI (43% e 57%, respectivamente).

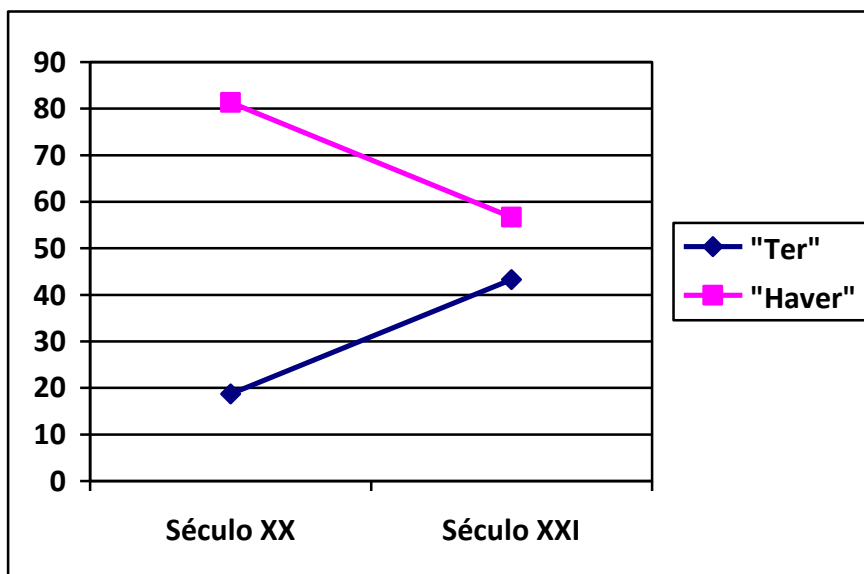
3.1.2 – Variáveis independentes

3.1.2.1 – Os verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir”

Com relação ao peso relativo que, segundo Guy e Zilles (2007), calcula “os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrências das variantes” (p.211), se ele for próximo ou maior do que 0,50, mais relevante é esse fator. Com isso, nesse grupo, com peso relativo de 0,59, o verbo “haver” foi a variável independente mais relevante.

Para uma melhor discussão dos resultados desse grupo de fator, apresentamos no gráfico a seguir uma leitura vertical dos dados.

Gráfico 4: Os verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” no início dos séculos XX e XXI.²² (Leitura vertical)



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Observamos que, no século XX, houve grande diferença de ocorrência entre os verbos “ter” e “haver” (18,7% e 81,3%, respectivamente), confirmando nossa hipótese de que, nesse século, o verbo “haver” seria mais utilizado.

Vejamos alguns exemplos desses resultados:

(41) Durante o período de maior intensidade **tinha** escarros de sangue... (LC-20/01/1906)²³

(42) para quem **há** "sérios indícios" (JM-03/01/2003)²⁴

Nosso resultado coaduna com os de Almeida de Callou (2003) para o Português Europeu e o de Oliveira (2010).

Avelar (2005), faz uma conclusão importante e que é contrária ao resultado da nossa pesquisa, que é a de que, desde séculos passados, já se usava o verbo “ter” com o sentido de “existir”. No trabalho desse pesquisador, vemos que há maior frequência no uso de verbo “ter” no século XIX e decaimento no uso de “haver”, com sentido de “existir”. Também o trabalho de Costa et. al. (2011) contrariou nosso

²² Gráfico referente à Tabela 1, apêndice.

²³ Exemplo 41 extraído do jornal LC de 20 de janeiro de 1906.

²⁴ Exemplo 42 extraído do jornal JM de 03 de janeiro de 2003.

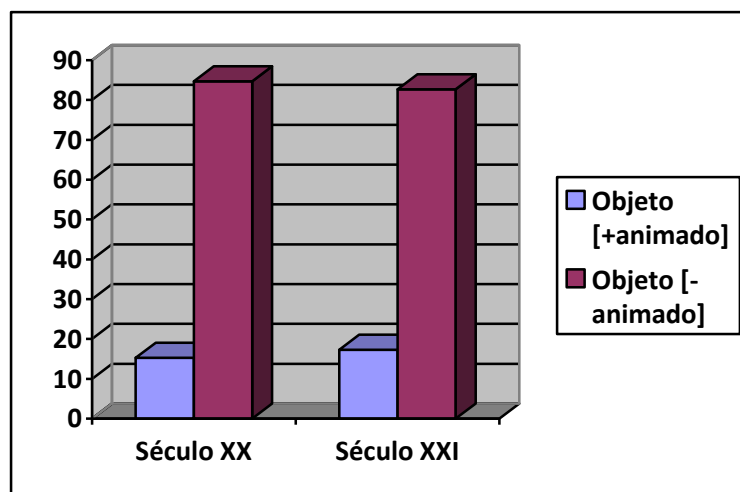
resultado para o século XX, uma vez que não se encontrou nenhuma ocorrência de verbos “ter”, com sentido de “existir”, em textos formais. Em Callou e Avelar (2000), também observamos o aumento no uso de “ter” no século XX da década de 70 para 90.

Já no século XXI, observamos uma variação mínima entre os dois verbos, 43,3% de verbo “ter” e 56,7% de “haver”. Na leitura vertical, não confirmamos a nossa hipótese de que no século XXI ocorreria mais verbo “ter”, pois a frequência foi maior de verbo “haver”. O que podemos afirmar é que houve aumento significativo de ocorrências com verbo “ter”, de um século para outro, e o verbo “haver” foi passando a aparecer com menor frequência. Isso mostra uma similaridade com os resultados de Oliveira (2014) e Vitória (2007, 2013).

3.1.2.2 – Animacidade do objeto: [+animado] e [-animado]

Para melhor discussão dos resultados desse grupo de fator, apresentamos no gráfico a seguir, uma leitura vertical dos dados.

Gráfico 5: Os objetos [+animado] e [-animado] no início dos séculos XX e XXI.²⁵ (Leitura vertical)



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Com peso relativo de 0,52, o subfator que se mostrou mais relevante foi o objeto [-animado]. Observamos que o objeto [-animado], nos dois séculos, manteve sua frequência muito mais elevada do que a de objeto [+animado]. No século XX, o

²⁵ Gráfico referente à Tabela 2, apêndice.

objeto [+animado] apresentou uma frequência de 15,3%, enquanto o objeto [-animado] apresentou 84,7%; no século XXI, o objeto [+animado] se mostrou em 17,3% e o objeto [-animado] em 82,7% de frequência.

Vejamos alguns exemplos desses resultados:

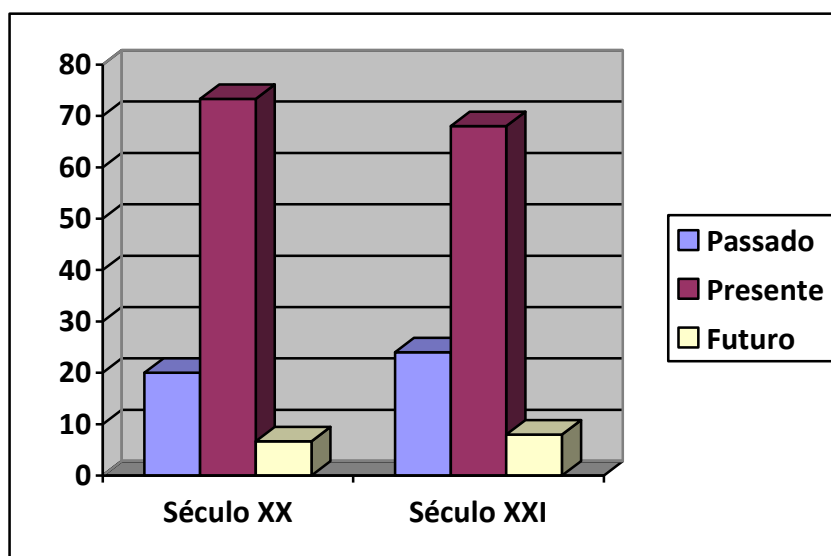
(43) **tem** uma drogaria n’esta povoação (LC-20/01/1906)²⁶

(44) **havia** 16 delegados em Uberaba (JM-20/01/2006)²⁷

3.1.2.3 – Tempos verbais: passado, presente e futuro

Para uma melhor discussão dos resultados desse grupo de fator, apresentamos no gráfico a seguir uma leitura vertical dos dados.

Gráfico 6: Os tempos verbais “passado”, “presente” e “futuro” no início dos séculos XX e XXI.²⁸
(Leitura vertical)



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Em relação ao peso relativo, com valores de 0,51 e 0,52, “presente” e “futuro”, se mostraram os subfatores de maior relevância. Por meio da leitura vertical dos dados, percebemos que o tempo verbal “presente” apresentou maior porcentagem no século XX, com 73,3%, enquanto “passado” e “futuro”, seguiram com menores

²⁶ Exemplo 43 extraído do jornal LC de 20 de janeiro de 1906.

²⁷ Exemplo 44 extraído do jornal JM de 20 de janeiro de 2006.

²⁸ Gráfico referente à Tabela 3, apêndice.

porcentagens (20% e 6,7%, respectivamente). No século XXI, a maior frequência também foi do tempo verbal “presente”, com 68%, seguido dos tempos verbais “passado” e “futuro” (24% e 8%, respectivamente).

Vejamos alguns exemplos que ilustram esses resultados:

(45) não **tinha** um reajuste real tão alto (JM-25/01/2006)²⁹

(46) não **ha** forças humanas que consigam eliminar o sr. Bulhões (LC-24/06/1906)³⁰

(47) **Terá** mais uma serraria (LC-02/12/1906)³¹

Enquanto o tempo “presente” mostrava-se em maior uso no século XX e decaiu em porcentagem, no século XXI, observamos o contrário com os tempos verbais “passado” e “futuro”, que no século XX apresentaram porcentagens menores e que aumentaram em pequenas quantidades no século XXI.

3.1.2.4 – Posição do objeto: anteposto ou posposto

Quanto ao peso relativo, com o valor de 0,60, o subfator de maior relevância para o nosso trabalho foi a posição anteposta do objeto.

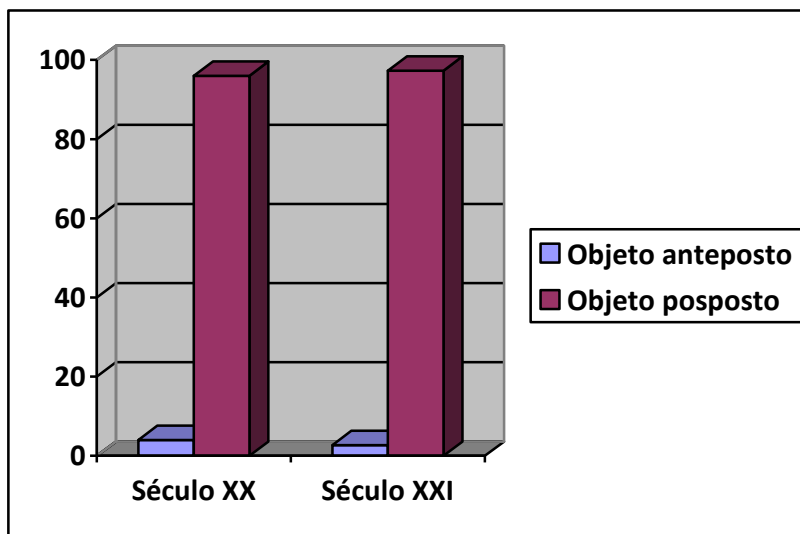
Para uma melhor discussão dos resultados desse grupo de fator, apresentamos no gráfico a seguir uma leitura vertical dos dados.

²⁹ Exemplo 45 extraído do jornal JM de 25 de janeiro de 2006.

³⁰ Exemplo 46 extraído do jornal LC de 24 de junho de 1906.

³¹ Exemplo 47 extraído do jornal LC de 02 de dezembro de 1906.

Gráfico 7: O objeto anteposto e posposto no início dos séculos XX e XXI.³² (Leitura vertical)



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Observando o gráfico resultante da leitura vertical dos dados, concluímos que a posição posposta do objeto é significativamente maior do que a posição anteposta nos dois séculos. No século XX, há uma porcentagem de 4% de objetos antepostos e 96% de pospostos; no século XXI, houve uma pequena porcentagem de objetos antepostos, com 2,7%, e 97,3% de pospostos.

Vejamos alguns exemplos desses resultados:

(48) Imaginamos que juízo não **ha** (LC-06/12/1906)³³

(49) parece illogico **haver** pessoas que não estejam dispostas (LC-24/06/1906)³⁴

3.1.2.5 – Natureza do objeto: concreto ou abstrato

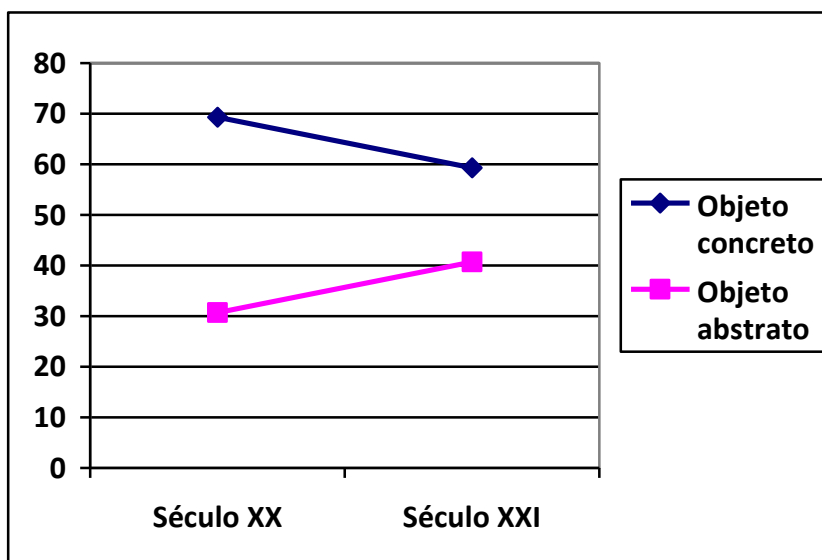
Com relação ao peso relativo, com 0,54, o fator de maior relevância para esse grupo de fator foi o objeto concreto.

Para uma melhor discussão dos resultados desse grupo de fator, apresentamos no gráfico a seguir uma leitura vertical dos dados.

³² Gráfico referente à Tabela 4, apêndice.

³³ Exemplo 48 extraído do jornal LC de 06 de dezembro de 1906.

³⁴ Exemplo 49 extraído do jornal LC de 24 de junho de 1906.

Gráfico 8: Os objetos concretos e abstratos no início dos séculos XX e XXI.³⁵ (Leitura vertical)

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Por meio da leitura vertical dos dados, observamos que, entre os dois subfatores (concreto e abstrato) houve variação nos dois séculos. No século XX, a variação foi maior entre os objetos concretos e abstratos (69,3% e 30,7%, respectivamente); já no século XXI, a variação foi um pouco menor (59,3% e 40,7%, respectivamente). Com esse resultado, podemos concluir que os objetos concretos se mantiveram em maior uso nos dois séculos em estudo, mas do século passado para este, houve um pequeno decréscimo em porcentagem; já de objetos abstratos, que possuíam menor porcentagem no século XX, essa começou a se elevar de um século para outro.

Vejamos alguns exemplos que ilustram esse cruzamento:

(50) **Tem gente** que liga perguntando sobre os prêmios (JM-11/01/2006)³⁶

(51) no caso de **haver discordância** no seio do directorio (LC-02/12/1906)³⁷

3.2 – Cruzamento dos dados

A fim de tornar a nossa análise mais refinada, utilizamos a *cross tabulation*, do programa GOLDVARB 2001, que permite um cruzamento das variáveis para que

³⁵ Gráfico referente à Tabela 5, apêndice.

³⁶ Exemplo 50 extraído do jornal JM de 11 de janeiro de 2006.

³⁷ Exemplo 51 extraído do jornal LC de 02 de dezembro de 1906.

façamos um acompanhamento comparativo. Com esse trabalho, os dados estatísticos passaram a ser uma “ferramenta valiosíssima, que nos permite resumir, quantificar e manipular grandes massas de dados que, de outra forma, ficariam fora das nossas possibilidades reais de trabalho” (SCHERRE; NARO, 2010, p.176). Segundo os autores, os resultados por meio de estatísticas ampliam horizontes, permitindo a análise linguística.

Sendo nossas variáveis dependentes, os séculos XX e XXI, e as nossas variáveis independentes, estando relacionadas aos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, fizemos os cruzamentos entre o grupo 1 e os demais, e analisamos os resultados, tanto no século XX quanto no XXI. Vejamos nos tópicos a seguir, cada um desses cruzamentos.

3.2.1 – Verbos “ter” e “haver” *versus* animacidade do objeto

O primeiro cruzamento foi entre os grupos 1 e 2, isto é, entre os verbos “ter” e “haver” e a animacidade do objeto: [+/- animado].

Vejamos alguns exemplos desse cruzamento:

(52) ... aqui não **tinha** ninguém para reagir (LC – 27/06/1907)³⁸

(53) Não **tem** explicação a emoção (JM – 03/01/2006)³⁹

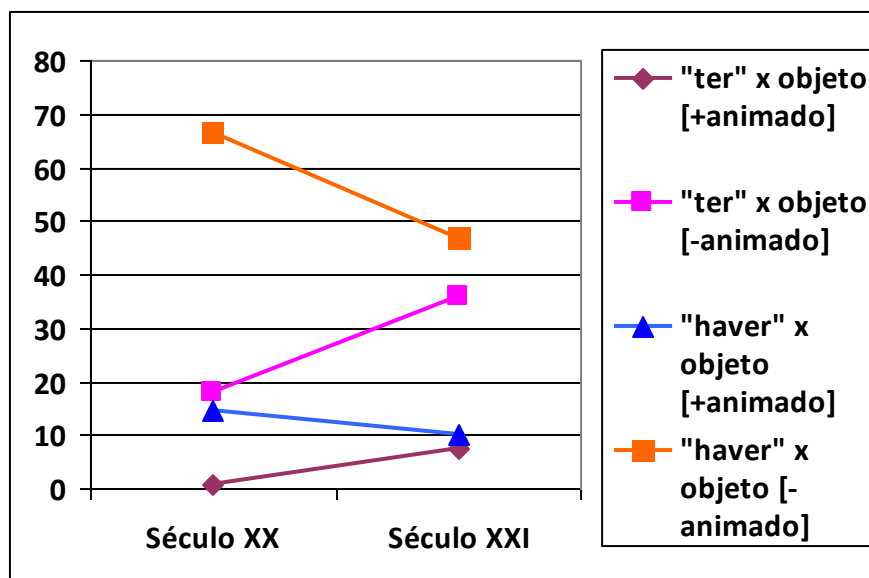
(54) deputados vadios **ha** (LC – 27/06/1907)

(55) os veículos praticamente disputam espaço quando **há** carros estacionados (JM – 04/01/2006)

A fim de refinar a nossa análise, apresentamos a seguir um gráfico com a leitura vertical dos resultados desse cruzamento.

³⁸ Exemplos 52 e 54 extraídos do jornal LC de 27 de junho de 1907.

³⁹ Exemplos 53 e 55 extraídos do jornal JM de 03 e 04 de janeiro de 2006, respectivamente.

Gráfico 9: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a animacidade do objeto.⁴⁰ (Leitura vertical)

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quanto à leitura vertical dos dados, no século XX, a maior variação sofrida foi no cruzamento entre “haver” e o objeto [-animado], com 66,7%, de “haver” com objeto [+animado], a porcentagem foi de 14,7%; observemos o quanto uma é bem mais elevada do que a outra. A menor porcentagem foi de “ter” com objeto [+animado], que ocorreu em 0,6%, já de “ter” com objeto [-animado] houve um crescimento e a frequência foi de 18%.

No século XXI, os resultados foram um pouco mais aproximados. Novamente, o verbo “haver” com objeto [-animado] teve frequência significativamente maior nesse século, com 46,7%, e também o verbo “ter” com objeto [-animado] foi o segundo resultado mais alto, com 36%. Observemos que, enquanto o primeiro, mesmo estando com maior frequência nos dois séculos, decresceu do século XX para o XXI, no segundo caso pudemos perceber um acréscimo. “Ter” com objeto [+animado] também teve maior frequência no século XXI, enquanto “haver” com objeto [+animado] sofreu um decréscimo nesse período (7,3% e 10%, respectivamente).

Os dados evidenciam que confirmamos a nossa hipótese de que o objeto [-animado] favoreceria o uso do verbo “haver”, mas não comprovamos nossa hipótese com relação ao verbo “ter”, pois o objeto [-animado] é que favoreceu o uso desse

⁴⁰ Gráfico referente à Tabela 6, apêndice.

verbo e não o [+animado], como supusemos. Nossos resultados coadunam com os de Callou e Avelar (2000), Vitório (2007), Costa *et. al.* (2011) e Oliveira (2014), que também chegaram à conclusão de que o objeto [-animado] favoreceria o uso de “ter” e de “haver”, com sentido de “existir”.

3.2.2 – Verbos “ter” e “haver” *versus* tempos verbais

O segundo cruzamento foi entre os grupos 1 e 3, isto é, entre os verbos “ter” e “haver” e os tempos verbais “passado”, “presente” e “futuro”.

Vejamos alguns exemplos que ilustram esse cruzamento:

(56) ... aqui não **tinha** ninguém para reagir (LC – 27/06/1907)⁴¹

(57) **Tem** ainda o PL 90/15, que autoriza o município a receber doação de bens imóveis e assinar convênio com a Codemig. (JM – 07/01/2006)⁴²

(58) **Terá** a mais uma serraria. (LC – 02/12/1906)

(59) **Houve** recurso do banco junto ao TJ (JM – 07/01/2006)

(60) muito **ha** que se fazer antes de serem tentadas culturas novas (LC – 02/12/1906)

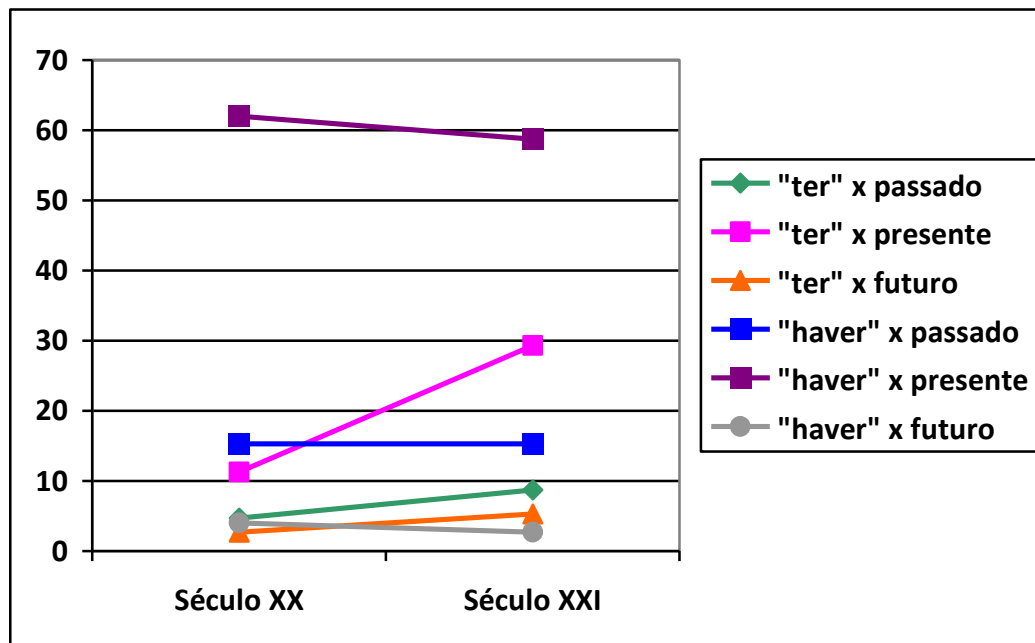
(61) Fazemos a chamada pública para complementar a necessidade que **houver** na rede e atender à demanda de forma legal (JM – 07/01/2006)

A fim de refinar a nossa análise, apresentamos a seguir um gráfico com a leitura vertical dos resultados desse cruzamento.

⁴¹ Exemplos 56, 58 e 60, extraídos do jornal LC de 27 de junho de 1907 e 02 de dezembro de 1906.

⁴² Exemplos 57, 59 e 61, extraídos do jornal JM de 07 de janeiro de 2006.

Gráfico 10: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e os tempos verbais “passado”, “presente” e “futuro”, no início dos séculos XX e XXI.⁴³ (Leitura vertical)



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

No século XX, destacamos a alta frequência, de verbo “haver” no “presente”, com 62%, e explicamos que isso se dá devido a esse verbo ter sido o mais usado desde então em nossos dados analisados; já a explicação para esse tempo verbal, é que ele também foi o mais utilizado. O verbo “haver” com o “passado”, mostrou-se em segunda maior porcentagem, seguido de “ter” no “presente” (15,3% e 11,3%, respectivamente). Com valores mais baixos e mostrando-se em menor variação, “ter” no “passado”, com 4,7%, o verbo “haver” e o “futuro”, com 4%, e o verbo “ter” e o futuro, com 2,7%.

Podemos, com tais resultados, confirmar a nossa hipótese de que o tempo verbal “presente” favoreceria o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”, igualando o nosso resultado com o de Callou e Avelar (2000), Oliveira (2014) e Vitório (2007), mas não confirmamos o nosso pressuposto de que os tempos verbais “passado” e “futuro” favoreceriam o uso do verbo “haver”, pois, como percebemos, o tempo verbal “presente” favoreceu o uso dos dois verbos. Sendo o “haver” favorecido pelo tempo “presente”, esse resultado coaduna com o de Costa *et. al.* (2011).

⁴³ Gráfico referente à Tabela 7, apêndice.

Não podemos deixar de comentar alguns resultados que foram diferentes dos nossos, como Callou e Avelar (2000), Almeida e Callou (2003) e Vitório (2007), que obtiveram o tempo “passado” favorecendo o uso do verbo “haver”, com sentido de “existir”.

3.2.3 – Verbos “ter” e “haver” *versus* posição do objeto

O terceiro cruzamento foi entre os grupos 1 e 4, isto é, entre os verbos “ter” e “haver” e a posição do objeto/complemento desses verbos, posposto ou anteposto a eles.

O verbo “ter”, com o objeto anteposto a ele, não foi encontrado no século XX, o que não consideramos como um fator *nocauté*⁴⁴, já que 100% das ocorrências foram encontradas no século XXI. É importante que ressaltemos a nossa hipótese de que o objeto anteposto seria mais utilizado com o verbo “ter”, conseqüentemente, já relatamos que esse verbo passou a ser mais usado no século XXI, portanto, essa seria a justificativa de termos encontrado 100% das ocorrências de “ter” com objeto anteposto somente no século XXI. Os exemplos a seguir mostram as duas únicas ocorrências encontradas.

(62) A intenção é zerar o afloramento que ainda **tem**. (JM-07/01/2006)⁴⁵

(63) Esse número corresponde ao dobro do que **tem**. (JM-20/01/2006)

Já o mesmo verbo com o objeto posposto teve uma porcentagem relativamente alta, com um aumento significativo, do século XX para o século XXI (31% e 69%, respectivamente), resultando em 30% do total das sentenças.

Vejamos alguns exemplos desse cruzamento:

(64) Acompanhadas de enorme massa popular, no meio da qual Uberaba **tinha tudo** quanto constitui a sua fina flor (LC – 04/01/1906)⁴⁶

(65) Nem xérox **tem** (JM – 20/01/2006)

⁴⁴ Segundo Guy e Ziles (2007, p. 158) *nocauté* é um fator que em dado momento corresponde a uma frequência de 0% ou de 100% para um dos valores da variável dependente.

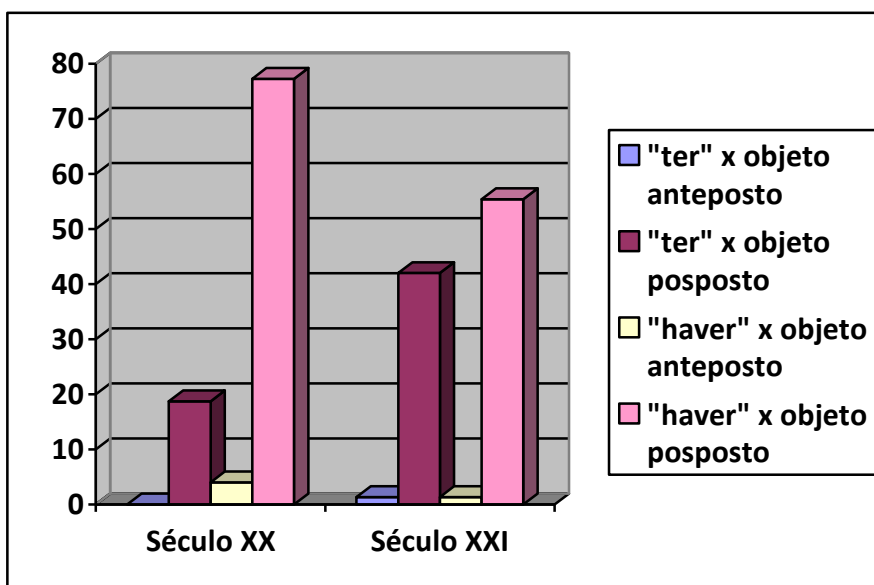
⁴⁵ Exemplo 62, 63 e 65 extraídos do jornal JM de 07 de janeiro de 2006 e 20 de janeiro de 2006.

⁴⁶ Exemplo 64 e 66 extraídos do jornal LC de 04 de janeiro de 1906.

(66) Aos manifestantes foi gentilmente oferecido um copo d'água, **havendo** sempre a maior harmonia e vivo contentamento. (LC – 04/01/1906)

A fim de refinar a nossa análise, apresentamos a seguir um gráfico com a leitura vertical dos resultados desse cruzamento.

Gráfico 11: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a posição do objeto no início dos séculos XX e XXI.⁴⁷ (Leitura vertical)



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Por meio da leitura vertical, observamos que o cruzamento que se mostrou mais relevante no século XX foi do verbo “haver” com objeto posposto, que apresentou porcentagem de 77,3%; a segunda maior relevância foi de “ter” com objeto posposto, com porcentagem de 18,7%, nesse século; o verbo “haver” com objeto anteposto ocorreu em apenas 4% das ocorrências.

No século XXI, as porcentagens mais significativas foram dos verbos “haver” e “ter” com objeto posposto (55,4% e 42%, respectivamente), apresentando uma variação relevante para o nosso trabalho. “Ter” e “haver”, com objeto anteposto, apresentaram a mesma porcentagem (1,3%).

Diante desses resultados, confirmamos a nossa hipótese de que o verbo “haver” seria mais utilizado com o objeto posposto a ele, mas não confirmamos o

⁴⁷ Gráfico referente à Tabela 8, apêndice.

nosso pressuposto de que o verbo “ter” seria mais utilizado com o objeto anteposto, pois, também foi mais usado com o objeto posposto a ele.

3.2.4 – Verbos “ter” e “haver” *versus* natureza do objeto

O quarto cruzamento foi entre os grupos 1 e 5, isto é, entre os verbos “ter” e “haver” e a natureza do objeto, sendo ele, concreto ou abstrato.

Vejamos alguns exemplos que ilustram esse cruzamento:

(67) ... parado em frente à *Maison Modern* onde devia **ter** lugar o banquete oferecido pela comissão dos festejos. (LC-04/01/1906)⁴⁸

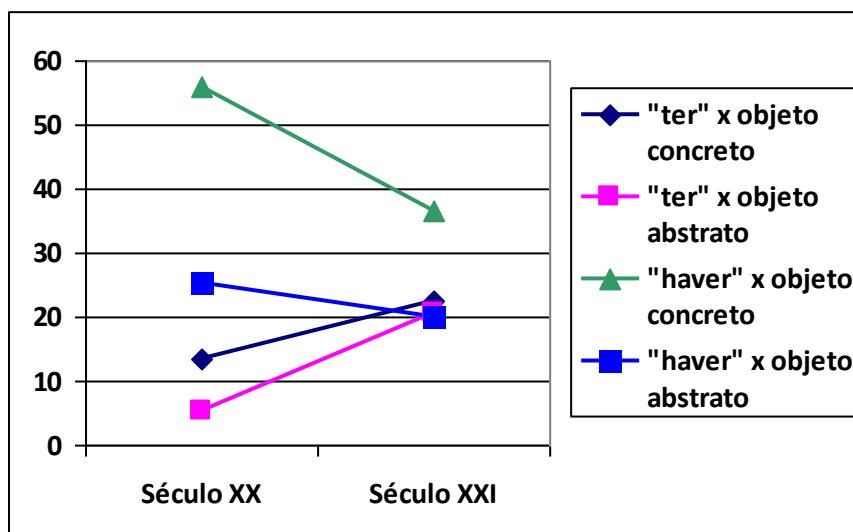
(68) Hoje **terá** mais uma oportunidade de se aproximar dos mil gols na carreira (JM-25/01/2006)⁴⁹

(69) ... não foi possível **haver** eleição para presidente (LC-03/06/1906)

(70) **Há** uma hipótese que está sendo descartada (JM-28/01/2006)

A fim de refinar a nossa análise, apresentamos a seguir um gráfico com a leitura vertical dos resultados desse cruzamento.

Gráfico 12: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a natureza do objeto, no início dos séculos XX e XXI.⁵⁰ (Leitura vertical)



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

⁴⁸ Exemplos 67 e 69 extraídos do jornal LC de 04 de janeiro de 1906 e 03 de junho de 1906.

⁴⁹ Exemplos 68 e 70 extraídos do jornal JM de 25 e 28 de janeiro de 2006.

⁵⁰ Gráfico referente à Tabela 9, apêndice.

Por meio da leitura vertical dos dados, no século XX, observamos que a porcentagem do cruzamento entre o verbo “haver” e o objeto concreto foi significativamente maior, com 56%; outro resultado relevante foi de “haver” com objeto abstrato, apresentando 25,4% das ocorrências. Podemos concluir que os cruzamentos entre o verbo “haver” e os objetos concreto e abstrato, no século XX, apresentaram variação relevante para o nosso trabalho. Nesse século, os cruzamentos entre o verbo “ter” e os objetos concreto e abstrato não apresentaram porcentagens significativas (13,3% e 5,3%, respectivamente).

No século XXI, o cruzamento que se mostrou mais relevante foi do verbo “haver” com objeto concreto, que teve um percentual de 36,7%. Já os cruzamentos do verbo “ter” com os objetos concreto e abstrato, e de “haver” com abstrato (22,6%, 20,7% e 20%, respectivamente), apresentaram porcentagens aproximadas, isto é, são fatores que não estão sofrendo uma variação significativa.

Diante dos resultados, concluímos que os objetos concretos favoreceram o uso do verbo “haver”, como havíamos previsto na nossa hipótese. Já com relação ao verbo “ter”, esse também foi mais encontrado com os objetos concretos, contrariando nossa hipótese, que previa serem os abstratos.

Nossos resultados foram diferentes de todos os trabalhos utilizados como referência em nossa pesquisa, pois em Callou e Avelar (2000), Almeida e Callou (2003) e Oliveira (2014), tanto o verbo “ter” quanto o “haver”, com sentido de “existir”, tiveram o uso favorecido pelo objeto abstrato.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que vimos até aqui, podemos confirmar que a Sociolinguística procura

investigar o grau de estabilidade e mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis, o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos (MOLLICA, 2010, p. 11).

Como constatamos, foi possível confirmar ou não, com os *corpora* desta pesquisa, algumas hipóteses que fizemos.

O objetivo geral foi efetivamente concluído, uma vez que conseguimos realizar um estudo quantitativo do uso dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, nos dados dos jornais da cidade de Uberaba, no início dos séculos XX e XXI.

Propusemo-nos a analisar *corpora* dos séculos XX e XXI, pressupondo que, o PB de uma época e outra, constitui sistemas linguísticos diferentes, pois objetivamos inserir esta dissertação na Sociolinguística Paramétrica, ou seja, fazer uma análise em dois sistemas distintos.

Pudemos observar que, no século XX, houve grande diferença de ocorrência entre os verbos “ter” e “haver” (18,7% e 81,3%, respectivamente), confirmando nossa hipótese de que, nesse século, o verbo “haver” seria mais utilizado. Nosso resultado coadunou com os de Almeida de Callou (2003) para o Português Europeu e o de Oliveira (2010).

Já no século XXI, observamos uma variação mínima entre os dois verbos, 43,3% de verbo “ter” e 56,7% de “haver”. Pela leitura vertical, não confirmamos a nossa hipótese de que no século XXI ocorreria mais verbo “ter”, pois a frequência foi maior de verbo “haver”. O que podemos afirmar é que houve aumento significativo de ocorrências com verbo “ter”, de um século para outro, e o verbo “haver” foi passando a aparecer com menor frequência. Isso mostra uma similaridade com os resultados de Oliveira (2014) e Vitória (2007, 2013).

Dos grupos de fatores colocados em análise parciais e nos cruzamentos, as variáveis independentes que se fizeram mais relevantes foram: objeto [-animado], tempo verbal “presente”, objeto posposto e objeto concreto.

Confirmamos as nossas hipóteses de que o verbo “haver”, com sentido de “existir”, seria mais utilizado no início do século XX, e a de que o verbo “ter”, com sentido de “existir”, seria mais frequente no início do século XXI.

A hipótese de que o traço semântico [-animado] do objeto favoreceria o verbo “haver” foi comprovada, mas não comprovamos a de que o traço [+animado] favoreceria o uso de “ter”, pois esse também foi mais usado com o objeto [-animado].

Nossos resultados também coadunam com os de Callou e Avelar (2000), Vitória (2007), Costa *et. al.* (2011) e Oliveira (2014), que chegaram à conclusão de que o objeto [-animado] favoreceria o uso de “ter” e de “haver”, com sentido de “existir”.

Outra hipótese confirmada foi a de que o tempo verbal “presente” favoreceria o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”, mas não comprovamos a hipótese de que os tempos verbais “passado” e “futuro” favoreceriam o uso do verbo “haver”, dado que esse também foi mais usado com o tempo verbal no “presente”.

O tempo verbal “presente” favorecendo o uso do verbo “ter”, com sentido de “existir”, iguala o nosso resultado com os de Callou e Avelar (2000), Oliveira (2014) e Vitória (2007), e sendo o “haver” favorecido pelo tempo “presente”, esse resultado coaduna com o de Costa *et. al.* (2011).

Confirmamos a hipótese de que o verbo “haver” seria mais utilizado com o objeto posposto a ele, porém não comprovamos a de que o verbo “ter” seria mais usado com o objeto anteposto.

Outra hipótese confirmada foi a de que objetos concretos favoreceriam o uso do verbo “haver”, em contrapartida não comprovamos a hipótese de que o verbo “ter” seria mais usado com objetos abstratos. Esses resultados se diferenciam de todos os trabalhos utilizados como referência em nossa pesquisa, pois em Callou e Avelar (2000), Almeida e Callou (2003) e Oliveira (2014), tanto o verbo “ter” quanto o “haver”, com sentido de “existir”, tiveram o uso favorecido pelo objeto abstrato.

Contudo, nesta pesquisa, pudemos observar o comportamento dos verbos “ter” e “haver”, com sentido de “existir”, nos séculos XX e XXI, em notícias de jornais de Uberaba. Nossa pesquisa colaborou para mostrar que a alternância no uso desses dois verbos é um fenômeno de variação, e o verbo “ter” está sendo mais

utilizado com o passar do tempo na língua portuguesa, com isso, já podemos dizer que futuramente se cogite em uma mudança linguística.

É necessário que haja mais pesquisas em outras regiões, em outras modalidades da língua, com outras variáveis linguísticas e extralinguísticas, para que esses verbos sejam melhor analisados.

REFERÊNCIAS

ALI, M. S. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Edições Melhoramentos, São Paulo, 1957.

ALMEIDA, E. S; CALLOU, D. *Estruturas com “ter” e “haver” em textos jornalísticos: do século XIX ao XX*. Anais do 5º encontro do Celsul. Curitiba-PR, 2003. p.510-515.

AVELAR, J. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro*. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____. *De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de haver no português brasileiro*. Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 41, nº 1, p. 49-74, março, 2006.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

_____. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2010.

BERLINCK, R. A.; BUENO, L. C. O. *Variação e Gênero Textual: preposições em textos jornalísticos paulistas*. Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL. Montevideu: ALFAL, 2008, p.01-17.

CALLOU, D; AVELAR, J. *Sobre “ter” e “haver” em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil*. Revista Gragoatá, n.9, 2000.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2010.

COSTA, A. A.; PINTO, D. S.; SOUZA, G. E.; REIS, J. A.; BIZERRA, P. R. B. *Verbos existenciais: ter/haver*. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011.

CUNHA, C; CINTRA, L, F, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.

DIAS, A. E. S. *Syntaxe Historica Portuguesa*. 5ª Ed. Lisboa, 1970.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I; KATO, M. A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

DUARTE, M. E. L. *Avanço no estudo da mudança sintática associando a Teoria da Variação e Mudança e a Teoria de Princípios e Parâmetros*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, jan./jun. 2015.

GUY, G. R; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008, [1972]. p.215-299.

LUCCHESI, D; ARAÚJO, S. *A Teoria da Variação Linguística*. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica> Acesso em 15 de agosto de 2012.

MATTOS, S. E. R. *Sujeito Coletivo singular em Português: concordância e referencialidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, UNB, 2003.

MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, S. M. *A variação das formas verbais “ter” e “haver” em textos escritos no século XIX*. Anais do IX Encontro do Celsul, Palhoça-SC, 2010.

OLIVEIRA, C. S. *A variação entre “ter” e “haver” em construções existenciais na fala e na escrita da variedade rio-pretense: uma análise dos grupos de fatores relevantes*. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2014.

PERINI, M. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010. p.147-177.

TARALLO, F; KATO, M. *Harmonia Trans-sistêmica: Variação intra e inter-linguística*. Departamento de Linguística, Unicamp, Campinas, 1989.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 3 ed. São Paulo, Ática, 1990.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. “Ter/haver” existenciais na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, vol.5, 2007.

_____. “Ter” e “haver” existenciais: gramática versus uso. *Revista Urutágua*, nº 21, 2010.

_____. *As construções existenciais com “ter” e “haver”*: o que tem na fala e o que há na escrita. *Domínios de linguagem*, vol.7, 2013.

WENREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Parábola Editorial, São Paulo, 2006 [1968].

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba>, acesso em 27 de agosto de 2015.

Jornais:

Jornal Lavoura e Comercio (LC). Disponível em: <http://www.codiub.com.br/lavouraecomercio/pages/main.xhtml>.

Jornal da Manhã (JM). Disponível em: <http://www.jmonline.com.br/novo/>.

Programa estatístico:

Goldvarb, 2001.

APÊNDICE

Tabela 1: Os verbos “ter” e “haver” com sentido de “existir” no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

Grupos de fatores	Século XX	Século XXI
Ter	28 / 18,7%	65 / 43,3%
Haver	122 / 81,3%	85 / 56,7%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 2: Os objetos [+animado] e [-animado] no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

Grupos de fatores	Século XX	Século XXI
[+animado]	23 / 15,3%	26 / 17,3%
[-animado]	127 / 84,7%	124 / 82,7%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 3: Os tempos verbais “passado”, “presente” e “futuro” no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

Grupos de fatores	Século XX	Século XXI
Passado	30 / 20%	36 / 24%
Presente	110 / 73,3%	102 / 68%
Futuro	10 / 6,7%	12 / 8%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 4: O objeto anteposto e posposto no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

Grupos de fatores	Século XX	Século XXI
Anteposto	6 / 4%	4 / 2,7%
Posposto	144 / 96%	146 / 97,3%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 5: Os objetos concretos e abstratos no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

Grupos de fatores	Século XX	Século XXI
Concreto	104 / 69,3%	89 / 59,3%
Abstrato	46 / 30,7%	61 / 40,7%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 6: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a animacidade do objeto. (Leitura vertical)

	Século XX	Século XXI
“Ter” x objeto [+animado]	1 / 0,6%	11 / 7,3%
“Ter” x objeto [- animado]	27 / 18%	54 / 36%
“Haver” x objeto [+animado]	22 / 14,7%	15 / 10%
“Haver” x objeto [- animado]	100 / 66,7%	70 / 46,7%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 7: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e os tempos verbais “passado”, “presente” e “futuro”, no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

	Século XX	Século XXI
“Ter” x <i>passado</i>	7 / 4,7%	13 / 8,7%
“Ter” x <i>presente</i>	17 / 11,3%	44 / 29,3%
“Ter” x <i>futuro</i>	4 / 2,7%	8 / 5,3%
“Haver” x <i>passado</i>	23 / 15,3%	23 / 15,3%
“Haver” x <i>presente</i>	93 / 62%	58 / 58,7%
“Haver” x <i>futuro</i>	6 / 4%	4 / 2,7%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 8: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a posição do objeto no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

	Século XX	Século XXI
“Ter” x objeto anteposto	0	2 / 1,3%
“Ter” x objeto posposto	28 / 18,7%	63 / 42%
“Haver” x objeto anteposto	6 / 4%	2 / 1,3%
“Haver” x objeto posposto	116 / 77,3%	83 / 55,4%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Tabela 9: Cruzamento entre os verbos “ter” e “haver” e a natureza do objeto, no início dos séculos XX e XXI. (Leitura vertical)

	Século XX	Século XXI
“Ter” x objeto concreto	20 / 13,3%	34 / 22,6%
“Ter” x objeto abstrato	8 / 5,3%	31 / 20,7%
“Haver” x objeto concreto	84 / 56%	55 / 36,7%
“Haver” x objeto abstrato	38 / 25,4%	30 / 20%

Fonte: Elaborado pela autora (2016).